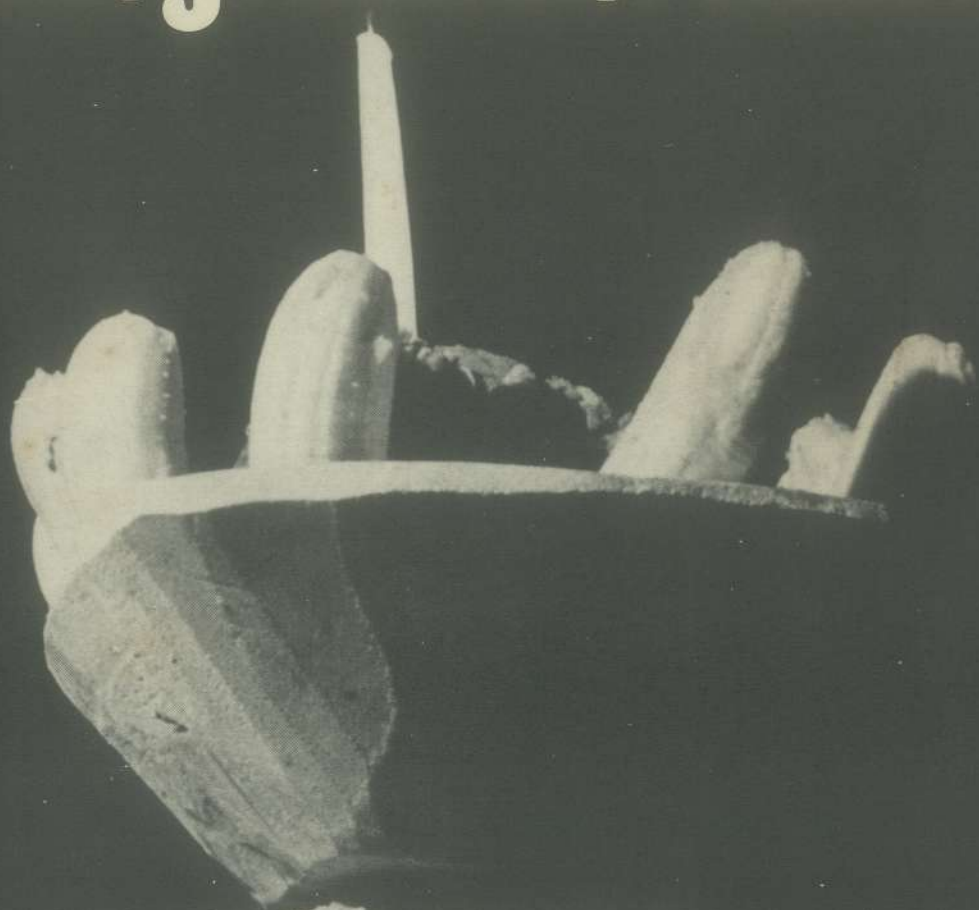


TIÇÃO

Cr\$ 20,00

N.º 2 — ANO II — AGOSTO DE 1979

DEMOCRACIA RACIAL lenta, gradual, relativa



XANGÔ

MOVIMENTO NEGRO

ALCEU COLLARES

FLORESTA AURORA





Recado

Desde março de 78, quando saiu o primeiro número da revista, a idéia era procurar conservar a periodicidade que fosse capaz de marcar a presença da TIÇÃO entre a comunidade negra e leitores em geral. Mas já o número 1 foi razão suficiente para o desnorreamento de uma próxima edição. E o que se viu foram os mesmos problemas de qualquer pequena publicação, ou seja, de distribuição, circulação e vendas diretas.

Até agora isto tudo ainda não foi solucionado. Mesmo assim o número 2 consegue avançar em definições e posicionamentos com relação ao anterior. Isto fica evidente quando trata temas básicos como a questão da discriminação e a exploração racial. Coisa que pode ser conferida na matéria da página ao lado.

A revista mudou na apresentação, em busca do que considera o mais perto da negritude. E a pretensão do primeiro número continua de pé. Assim como permanece o convite ao trabalho.

Índice

- 3 ABOLIÇÃO lenta gradual e relativa há 90 anos
- 4 REVOLTA DA CHIBATA deu até samba censurado
- 6 XANGÔ CAÔ
- 7 ÁFRICA, Armas e mentiras contra a liberdade
- 8 MOVIMENTO NEGRO, A Lei Afonso Arinos proíbe
- 10 SOMOS TODOS IGUAIS PERANTE A LEI, com exceções
- 11 ZUMBI, nome do herói jogado na lama
- 12 NEGRO NO RIO GRANDE, Armas a serviço dos caudilhos

- 14 COLÔNIA AFRICANA, O bairro negro de Porto Alegre
- 15 FLORESTA AURORA, Querem acabar com o clube negro
- 18 RACISMO — O filho da exploração
- 20 ALCEU COLLARES — Político negro mais votado no RS
- 24 LIMA BARRETO — Um contista negro do subúrbio
- 25 LAMA — Fatos incolores
- 27 MUAMBA — Notas sobre coisas negras
- 29 CARTAS
- 32 GENTE NEGRA
- CAPA: Amalá de Xangô

NÓS TEMOS TUDO EM MATÉRIA DE ENXOVAIS

Cama, mesa, banho, lingerie, tecidos e confecções das mais famosas etiquetas do País. Cortinas sob medida. Vestidos de noiva e enxovais completos.



Rainha das Noivas
UNICA ESPECIALIZADA EM ENXOVAIS

Matriz: Riachuelo, 1592/1600; Vig. José Inácio, 618
Filiais: Dr. Flores, 49; Assis Brasil, 2100;
Rua da Azenha, 781; Rua Cel. Vicente, 30 (Canoas)

Expediente

REDAÇÃO: Edilson Nabarro. Irene Santos, Jeanice Viola, Jones Lopes, Jorge Freitas, Oliveira Silveira, Valter Carneiro, Vera Daisy Barcellos, Vera Lúcia Lopes.

FOTOGRAFIA: Eduardo Tavares, Luiz Armando.
ILUSTRAÇÃO: Aliedo Kammar, Batsow, Corvo, Edgar Vasques, Ferré, Juska, Juvenal, Magliani, Roberto Silva, Thais.

COLABORADORES: Ademar Vargas de Freitas, Carlos Roberto da Silveira, Dona Aurea da Oxum, José Valter Castro Alves, Maestro Lua, Sônia Torres, Roxo.
COMPOSIÇÃO: João Alberto de Souza.

PLANEJAMENTO GRÁFICO: Valdir Silva e Humberto Monteiro.

MONTAGEM: Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado.

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Vera Daisy Barcellos.
TIÇÃO é uma publicação da Editora Meia-Cara Ltda, de CGCMF n.º 89547699/0001-18. Registro no DCDP, requerido em 19 de janeiro de 1979, sob o protocolo n.º 00620, no Departamento local. Registrada no Cartório de Registro Especial de Porto Alegre.
Endereço: Domingos Crescêncio, 408/101. P.A. R.G.S.

Abolição lenta, gradual e relativa

A democracia racial brasileira é tão verdadeira quanto esta outra que, prometem, vai vigorar em breve, de forma lenta, gradual e relativa. Aos noventa anos de abolição, (so mam- se quatro séculos de saques ao continente negro e de uso do braço negro e de seus descendentes para produção da riqueza das classes dominantes brancas.

As relações sócio-raciais no Brasil dividem-se em dois grandes períodos: mercantil escravocrata e burguês capitalista. A história dos trabalhadores brasileiros é precedida por séculos de resistência ativa de negros e índios contra o colonialismo escravocrata branco. Devido ao racismo dos historiadores a serviço das classes dominantes, tais fatos não se incluem nos livros escolares. Aos negros e oprimidos cabe reformular e revisar nossa historiografia oficial, distorcida e alienada.

Como a chamada abolição da escravatura teve a função apenas de livrar os grandes proprietários do peso que era no momento o grande número de escravos para a decadência da aristocracia, o negro depois dela permaneceu na marginalidade do processo sócio-político-econômico.

E a escravidão continua

O negro é racialmente discriminado e socialmente oprimido. A questão social é um lado da moeda, o outro é a questão racial. Numa sociedade competitiva, a discriminação racial serve justamente para manter a divisão entre pobres e ricos. O negro dentro dela permanece com funções semelhantes às que tinha durante a escravidão, e para subir na vida precisa perder sua identidade racial e tornar-se um branco. Ao negar-se a existência da discriminação racial, de preconceito de cor e da especificidade de uma luta de libertação do negro, priva-se uma imensa maioria da população brasileira do entendimento e da resolução de seus próprios conflitos. Antes de um brasileiro, há um ser humano oprimido, racialmente inferiorizado pela herança escrava.

Da libertação dos escravos às migalhas sociais voltadas ao povo brasileiro, conclui-se que a pregação de liberdade e democracia feita atualmente esconde interesses burgueses e não atinge o negro enquanto seg-

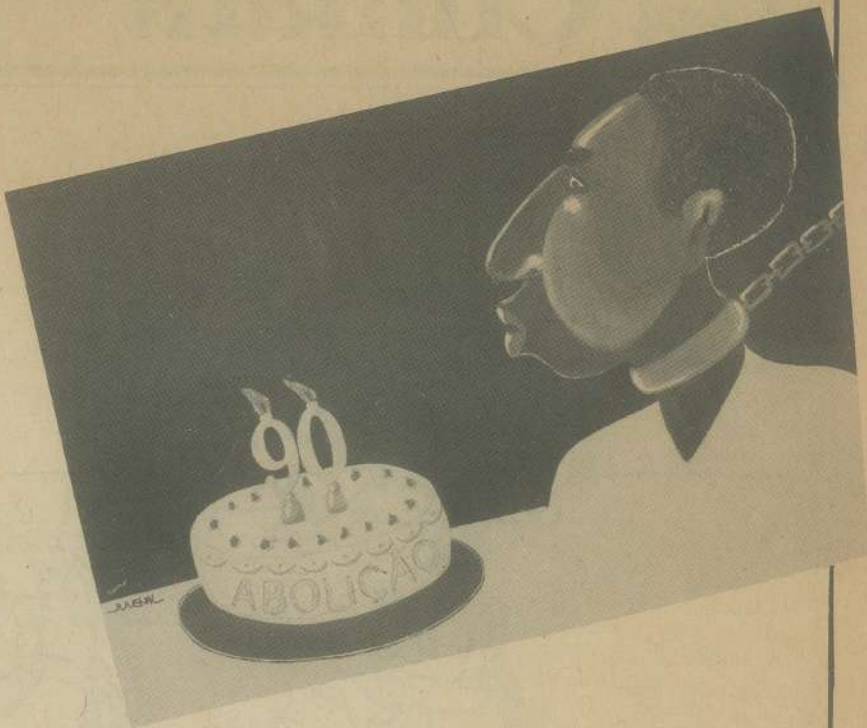
mento social oprimido, portador de valores humanos e culturais ligados a suas raízes históricas. O desmascaramento da farsa da democracia racial brasileira serve no momento para que se inicie junto à comunidade negra um debate legítimo sobre a estruturação sócio-racial do país. O fundo real do problema não é tocado quando são denunciados fatos como a ausência do negro nos quadros superiores das Forças Armadas, nas universidades e altos escalões político-partidários. Denunciar o racismo é acima de tudo denunciar a exploração, a opressão e as contradições sociais em que vivemos. Além da comunidade negra e mestiça constituir a grande maioria do povo brasileiro, é ela que mais sofre com os prejuízos sociais e políticos do capitalismo brasileiro. As estatísticas estão aí para omitir estas verdades.

Abolição 90 anos depois com autoritarismo

O desenvolvimento acelerado e a modernização do Brasil foram acompanhados nos últimos 14 anos pelo agravamento dos conflitos sociais. De um lado, a monopolização da e-

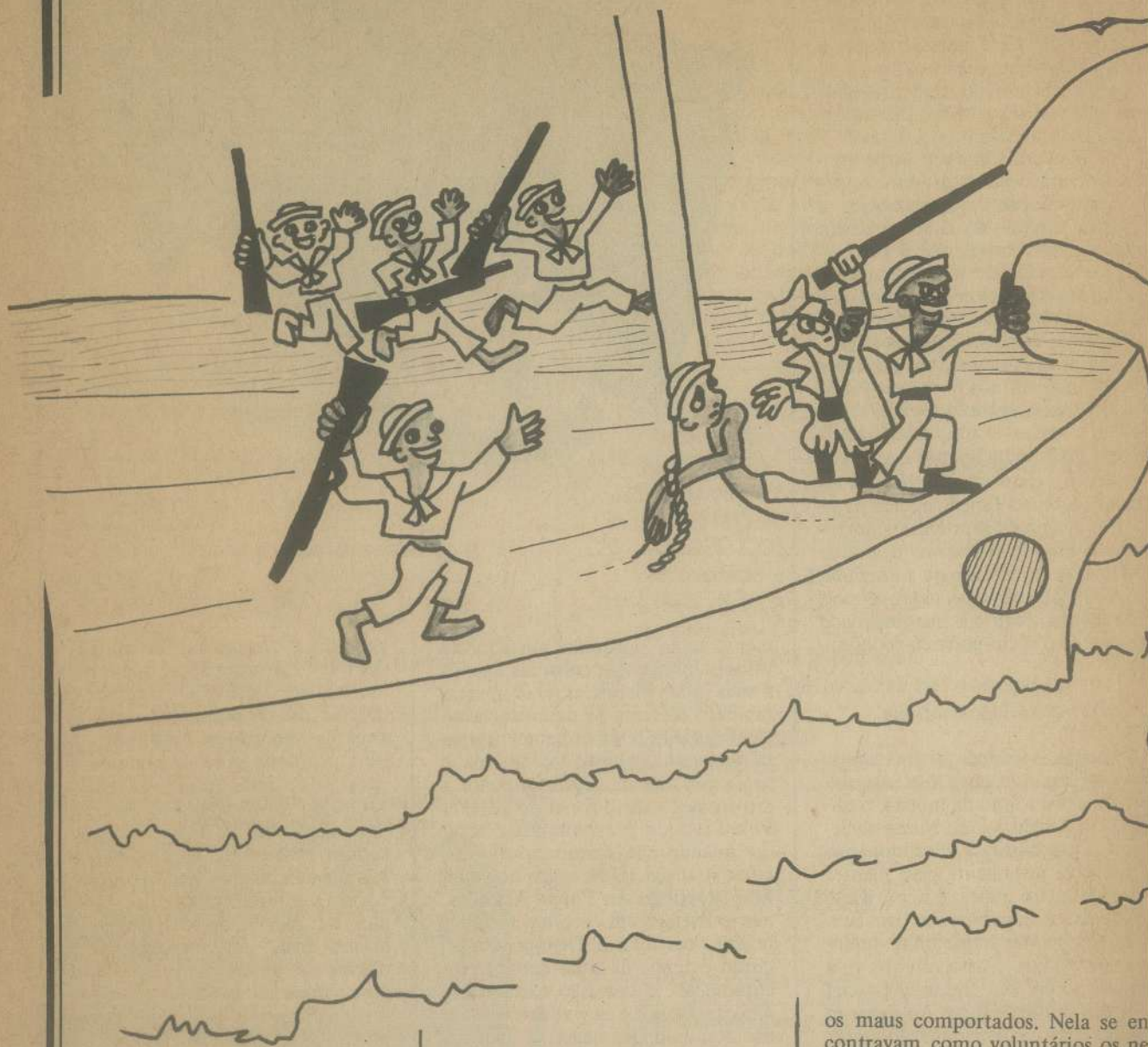
conomia e o autoritarismo político; do outro, a miséria, as doenças, a mortalidade infantil e o analfabetismo. O debate negro sobre os 90 anos de abolição se confunde com uma profunda crise do regime burguês autoritário brasileiro. A concentração e mecanização das propriedades rurais determina o êxodo rural e o conseqüente aumento da marginalização nas cidades. Além do mais, a farsa política que vive o país na atualidade tem no negro apenas mais um componente da platéia de quase cem milhões de observadores desatentos e, às vezes, grevistas que lutam por melhores condições de vida ainda que sob proibições.

A presença do negro no Brasil, por si só determina sua importância em quaisquer opções do povo brasileiro. A consciência da discriminação racial deve levar a comunidade negra ao debate sobre o atual momento histórico em que vivemos: a importância histórica dos 90 anos de abolição é a conquista política do protesto negro brasileiro e a consciência do papel e importância que desempenha o mito da democracia racial na legitimação da dominação.



A Revolta da Chibata

Glória a todas as lutas inglórias
Que através de nossa história
Não esqueçamos jamais
Salve o almirante negro
Que tem por monumento
As pedras pisadas do cais
(Mas faz muito tempo) –
O Mestre Sala dos Mares,
Aldir Blanc / João Bosco.



Quando foi convidado em 1964 pelos marinheiros para participar do movimento que acabou sendo um dos motivos da queda do governo João Goulart, aos 89 anos, João Cândido respondeu: "Revolta de marinheiro só dá certo no mar". E retirou-se, provavelmente relembrando a experiência que tivera em 22 de novembro de 1910, quando liderou a Revolta da Chibata.

A Marinha era um castigo para

os maus comportados. Nela se encontravam como voluntários os negros, os índios e os brancos marginalizados, todos a serviço de oficiais vindos das mais aristocráticas famílias. O sistema era como na escravidão: pequenas faltas implicavam em pelo menos 25 chibatadas quando não era convocado o Conselho de Guerra.

Gaúcho de Rio Pardo, João Cândido foi parar na Marinha aos 15 anos, e com 30 era considerado um dos maiores entendidos em náutica na esquadra brasileira, a segun-



THAÍS

da do mundo na época.

REVOLTA CONTRA O CASTIGO

O marujo Marcelino Rodrigues seria castigado com 250 chibatadas por desobedecer ordens superiores. Porém, seus companheiros não admitiram mais aquele abuso, afinal havia um decreto de 1890 proibindo os castigos físicos na Marinha: tomaram conta dos encouraçados Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Deodoro, e avisaram ao Ministério da Marinha, que bombardeariam a cidade do Rio de Janeiro, caso não fosse extinta definitivamente a chibata a bordo dos navios brasileiros. Queriam ainda aumento dos soldos e do contingente naval brasileiro,

além de anistia para quem participava da revolta.

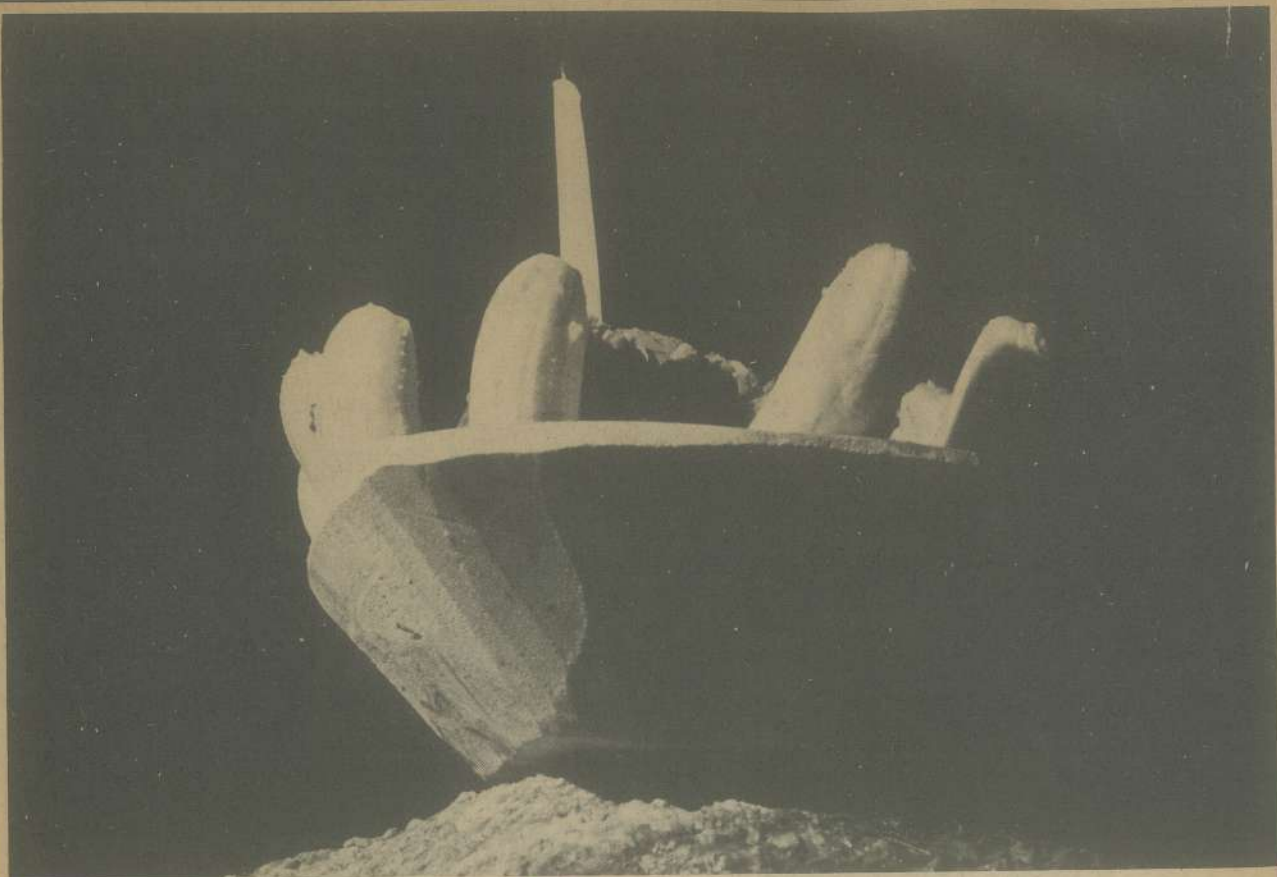
O governo ficou indignado, mas a população carioca ganhou outro motivo para ir à praia do Flamengo, onde assistia as proezas dos habilidosos marujos e aplaudia entusiasmada. Do navio, os marinheiros se comunicavam pelo rádio com o palácio do Marechal-Presidente, que se negava atendê-los. Mesmo assim o ultraje não impediu que Hermes da Fonseca admitisse que aqueles canhões voltados contra a cidade, nas mãos exatamente da força de guerra formada pelos marginais da sociedade brasileira no início do século, se tornava um perigo. Ainda mais para ele que, como republicano, sabia da oposição que as forças navais faziam ao regime instalado no país há menos de 25 anos.

O levante durou cinco dias. O Senado reuniu-se, discutiu demasiadamente e não viu outra saída: com o texto de Ruy Barbosa estava assinada a Anistia para os amotinados, que para devolver a esquadra receberiam suas reivindicações. Entretanto os rebeldes se dividiram: João Cândido liderava aqueles que aceitavam o fim da revolta no momento em que fossem assinados os documentos que lhes garantissem a vitória, enquanto José Alves da Silva preferia negociar ainda mais e obter maior segurança de que as leis fossem cumpridas. Contudo, os encouraçados não tinham capacidade para guerrear, e a luta traria prejuízos para a população carioca que durante cinco dias — de 22 a 27 de novembro de 1910 — não se afastou da praia e recebeu cada incursão da esquadra rebelde na Baía da Guanabara com salvas de palmas. A proposta de João Cândido foi aceita.

A TRAIÇÃO

Dois dias após o acordo, os marinheiros cumpriam sua parte descarregando os encouraçados, enquanto o presidente Hermes da Fonseca ordenava a expulsão dos indisciplinados. E pior do que isto, depois da simulação de um bombardeio contra o scout Rio Grande do Sul, a ilha das Cobras onde se localizava o Batalhão Naval foi bombardeada. A população do scout Rio Grande do Sul percebendo a manobra se negou a colaborar e foi espancada, presa e morta. No Batalhão Naval que se negara a participar da revolta, sobraram apenas cem dos mil fuzileiros, e mais de dois mil marinheiros acabaram desterrados para o Amazonas. João Cândido, depois de passar pela prisão, é internado num hospício para não depor no inquérito aberto para o esclarecimento dos motivos que levaram a Marinha a colocar em risco a segurança da população carioca, e desrespeitar um decreto de anistia. João Cândido foi expulso da Marinha, esteve preso mais uma vez, e morreu em 1968, no Rio de Janeiro, com 89 anos. Pai de 7 filhos, casado três vezes, viveu desempregado durante 60 anos, recebendo auxílios dos governos dos Estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

Uma homenagem a João Cândido acabou espedaçada pela censura: a dupla Aldir Blanc/João Bosco teve que fazer inúmeras modificações na letra original de "O Mestre Sala dos Mares" para que a música fosse liberada e posteriormente gravada. As mudanças descaracterizaram a homenagem, que, no entanto, tornou-se um sucesso popular, independente dos contra-tempos.



Xangô Caô

Xangô, protetor dos injustiçados, Orixá da verdade, da sabedoria, da palavra, da justiça, da esperança e da vitória. Responsável por toda e qualquer situação que se tenha a resolver. Advogado do Astral. Defensor dos homens. Governante das almas.

Juiz da religião, que perpetua sua fama pela justiça e tempestividade. Personalidade baseada na segurança e na invencibilidade pelo legado de Oxalá.

Orixá justiceiro de característica controvertida e muito bravo, viril e galhardo. Deus litolátrico da feitiçaria Nagô. Chefe das pedras e das quedas d'água.

Rei da cachoeira. Deus do relâmpago e do sol. Orixá de muita firmeza, vibrando em vermelho e branco ou em todas as cores na famosa passagem de Xangô de Ibejes.

Protetor das crianças. Com Iansã, governa o Axé de Foribalé, contratando ou

afastando os Eguns — espíritos desencarnados. Protege aqueles que entram em Aruanda.

Vem Xangô Agodô um relâmpago. Na cachoeira, nas quedas d'água, nas pedras. Lança a machadinha.

Indumentária roxa, vermelho cardeal. Contas vermelhas e brancas. Vem Xangô Aganjú — de Aruanda.

A chave. Conhecedor de todas as mirongas. Abre caminhos. Contas azuis, brancas, roxas.

Vem Xangô Caô.

Salvar os que sofrem por injustiça. Sua bandeira, cajado de pastor, cruz de Cristo.

Roupa vermelha, contas vermelhas, brancas, cor de rosa. Vem Xangô de Ibejes.

Todas as cores existentes.

Símbolo da mediunidade.

Bastão recurvado e uma a palma em cada mão. Alegria as crianças. Na sagrada mesa; com Oxum à cabeceira, Xangô reina como príncipe.

No mato, em pedreiras ou na beira de praia, Xangô

recebe o seu amalá de carne, camarão, aves, mostarda, quiabo e repolho.

Seu Ebó de quatro pés: carneiro, galos

brancos ou pintados.

O 6 e o 12 são seus números de Axé. Símbolo do equilíbrio e da igualdade.

A balança, a machadinha, mão de axó e opelé — seus axés de ferramentas.

A LENDA

"Xangô (o sol) se enamorou de Olobá (o lago) — uma velha encarquilhada.

Mais tarde apareceu Oxum (água doce), neta de Olobá, muito bela e faceira.

Xangô se apaixonou por Oxum e com ela fugiu.

Olobá prometeu destruir este amor. Mandou seus soldados atrás do casal.

Oxum se asilou em seu palácio e fez cair uma cortina de chuva escondendo o lugar onde os dois se encontravam".



África: A Independência vem aí.

A maior dificuldade que se tem ao falar da África é justamente a falta de informações. As notícias que as agências internacionais mandam para os jornais, as rádios e a televisão são *intencionalmente* distorcidas. Pretendem apenas tortalecer a idéia de que o negro é inferior e não tem capacidade para o auto-governo, para decidir sobre o futuro de seu próprio continente. Encerrada a fase do colonialismo, inaugurou-se nesta década o neo-colonialismo: as superpotências Estados Unidos e União Soviética juntamente com os países da Europa permanecem usufruindo do saque indiscriminado das riquezas naturais do continente negro, cuja população de 300 milhões de habitantes sofre as consequências de uma divisão política estabelecida pelos interesses dos exploradores, e não por suas necessidades naturais.

Da África, as potências européias, durante o mercantilismo, retiraram a mão-de-obra que desenvolveu as três Américas. Hoje, as superpotências se aproveitam das diferenças internas para continuar explorando o continente africano. Os Estados Unidos, com a desculpa de defender a África do comunismo, e a União Soviética dizendo que quer livrá-la do capitalismo. Nenhum nem outro, porém, reconhecem o direito negro de ser independente. Mesmo assim, Angola, Moçambique, Guiné Bissau e as Ilhas de Cabo Verde derrotaram os antigos colonizadores e instalaram governos populares através da luta armada.

DO AÇO À BOMBA H

Se forem inumeradas as riquezas do subsolo africano, certamente ficará mais fácil a compreensão da disputa que o mundo ocidental faz do território negro. A Guerra do Chifre da África acabou com vitória da Etiópia e derrota da Somália. Estava em jogo a terra dos somalis. União Soviética e Estados Unidos se revezaram: ora vendiam armas e davam apoio a uma facção, ora a outra. Mas por que isto? A guerra não era entre capitalismo e comunismo? Na aparência. Realmente, as superpotências disputavam as minas de ferro da região do Ogadem. Assim, todas as guerras africanas terão por trás de si o interesse estrangeiro nas

riquezas minerais necessárias para a produção industrial do mundo dito civilizado.

Vinte e cinco por cento do manganês utilizado para a produção de aço sai do subsolo africano. Pelo menos 50 por cento do cromo do planeta, essencial para a produção de aços especiais também é retirado da África, onde ainda: 23 por cento da produção mundial de cobre vem das minas do Zaire e da Zâmbia e 14 por cento do estanho, da Nigéria, Zaire e Ruanda. Além disso, as reservas africanas de bauxita são estimadas em 2 bilhões de toneladas, as jazidas de Marrocos, Tunísia, Senegal, Argélia e Togo fornecem 26 por cento do fosfato utilizado na produção de fertilizantes do mundo. A República Popular do Congo possui uma das maiores jazidas mundiais de potássio. Cerca de 80 por cento da produção mundial de ouro vem da África; mais de 75 por cento dos diamantes no comércio mundial são retirados do Zaire, e o lítio utilizado no processo de detonação da bomba H é saqueado da Rodésia e de Moçambique.

A RAINHA ELIZABETH É IGUAL AO IMPERADOR BOKASSA

Quando Jean Bedel Bokassa I do Império Centro Africano transforma uma ditadura num império, e realiza sua cerimônia de coroação imitando Napoleão, ele não está sendo mais ridículo do que a Rainha Elizabeth da Inglaterra ou a princesa Kelly de Mônaco. Tampouco Mobutu Sese Seko, ao entregar seu país a potências estrangeiras, é mais corrupto do que certos governantes. Melhor exemplo do que o do ministro Tanaka do Japão, que recebeu suborno da Lockheed, pode ser o do príncipe Bernhard da Holanda, se não forem comprovadas as recentes denúncias sobre alguns homens públicos brasileiros. Não é o caso de se defender tais líderes africanos: Idi Amin, Jean Bedel Bokassa e Mobutu Sese Seko são descendentes daqueles chefes africanos: Idi Amin, Jean Bedel Bokassa e Mobutu Sese Seko são descendentes daqueles chefes africanos, que quatrocentos anos atrás auxiliaram o início do saque sobre o continente negro.

Mas os países africanos não são governados apenas pelas personali-

dades que o noticiário do mundo ocidental promoveu com certo escárnio. Pelo contrário, os autênticos líderes africanos são pouco comentados, ou estão esquecidos, como Patrice Lumumba, responsável pela independência do Zaire, na década de 60.

A imagem que as potências ocidentais querem mostrar da África é a de que seus habitantes não passam de selvagens, cuja capacidade intelectual exige o domínio branco. Provam através da prepotência das armas e do poder econômico que sua presença na África é benéfica, e tem por objetivo não a exploração, mas o desenvolvimento da humanidade. No entanto, negam ao resto do mundo informações sobre os movimentos de libertação. Esquecendo que já tiveram algumas derrotas, principalmente na década passada, quando foram obrigados a admitir a impossibilidade de manter colônias no continente. E, embora em alguns países a descolonização seja apenas aparente e tenha dado lugar a outro tipo de domínio representado pela presença dos especialistas militares e assessorias técnicas, as potências ocidentais atualmente perdem seus privilégios. E para mantê-los, são cada vez mais prepotentes e desumanas. Não fosse isto, porque tantas bases "guerrilheiras" estariam sendo destruídas diariamente em países como a Zâmbia e Moçambique? E por que tantas guerras?

Ao lado de governos testas de ferro como o de Idi Amin, Bokassa, Mobutu e outros menos expressivos, o continente africano conhece líderes como Joshua Nkomo. No exílio, Nkomo dirige a Frente Patriótica do Zimbábue contra o governo de minoria branca de Ian Smith da Rodésia. Ou então Robert Mugabe da Organização do Povo da África do Sudoeste, que obrigou o primeiro-ministro do regime racista na África do Sul Pietre Botha a reunir-se com Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha Ocidental e Inglaterra em Pretória para marcar eleições internas. A vitória foi apenas parcial, mesmo porque as grandes potências são publicamente dúbias ao tratar da questão, embora sejam as grandes beneficiadas. Não se pode esquecer da atividade de líderes como Agostinho Neto, de Angola, Samora Machel, de Moçambique, Julius Nyerere, da Tanzânia, cuja política não alinhada e pan-africanista se não obteve até o momento completa independência, pelo menos é a mais avançada e conseqüente. Pouco a pouco, as potências perdem o espaço que nem armas sofisticadas ou grandes contingentes militares poderão recuperar.

Nasce o Movimento Negro

A Lei Afonso Arinos decididamente mostra as garras e revela a sua mais nova utilidade: serve de pretexto para a polícia proibir reuniões, onde os negros gritam contra a discriminação racial, exigem melhores condições de vida e lutam por liberdade de expressão. Pelo menos foi o que aconteceu na IIIª Assembléia Nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial — MNUCDR — que, apesar de tudo, se realizou em Salvador nos dias 3 e 4 de novembro.

DIVERGÊNCIAS E AVANÇOS

O encontro da Bahia foi conturbado, mas também apresentou qualidade. Depois que a polícia se encarregou de dispersar alguns participantes, a assembléia geral se definiu por uma divisão de posições dentro do movimento: de um lado, os representantes da Executiva Nacional e da mesa de trabalhos, defendendo o rigoroso cumprimento da pauta aprovada na Assembléia do Rio, ou seja, a discussão sobre as questões gerais que envolvem a sociedade brasileira como anistia, constituinte, eleições, estado de direito, etc. Por outro lado, os representantes dos Centros de Luta baianos, argumentando que os pontos básicos do programa de ação e carta de princípios precisavam ser retomados, pois não haviam sido suficientemente debatidos.

A Assembléia foi aberta com reunião da Comissão Executiva Nacional, composta de um representante de cada Estado, na sexta-feira à noite, e prosseguiu no sábado pela manhã, com a participação dos Centros de Luta. Foi aprovada a divulgação de um cartaz e texto a Zumbi, como parte das atividades de comemoração a 20 de novembro. O texto propõe a data da morte de Zumbi como o "Dia Nacional da Consciência Negra", e cita Palmares como "primeira e única tentativa brasileira de estabelecer a sociedade democrática, ou seja, livre e em que todos — negros e brancos — realizaram um grande avanço po-

lítico, econômico e social". À tarde, a palavra estava cedida ao plenário. Foi quando a discussão avançou e polarizou.

Enquanto uma facção representada pelos baianos dizia que as próprias questões básicas do movimento ainda deviam passar por maiores discussões dentro dos Centros de Luta, a mesa rebatia com a alegação de que o movimento "não podia emperrar e, por isso, buscava a identificação com as palavras de ordem que pertencem a todos os brasileiros". O plenário chegou a criticar os mecanismos de condução dos trabalhos, dizendo não estar havendo democracia interna. Em resposta, a mesa argumentou "que a causa de luta é comum e, portanto, não cabe a divisão" e, logo em seguida, lançou em votação a proposta dos pontos extra-programáticos, finalmente aprovados.

SOBROU REPRESSÃO

Muita gente era esperada. Os convites foram enviados à maioria das entidades negras do país, aos pais e mães-de-santo e à gente das favelas e alagados de Salvador. Mas nem todos puderam participar, porque a polícia resolveu dispersar. O encontro estava marcado para a Associação dos Funcionários Públi-

cos de Salvador: a polícia usou da Lei Afonso Arinos proibindo aquele tipo de manifestação. O teatro Vila Velha foi a segunda opção para a Assembléia. Mas quando o pessoal chegou havia uma nota do Serviço Nacional de Inteligência — SNI — impedindo novamente o encontro. Finalmente foram todos para o Instituto Cultural Brasileiro-Alemão — ICBA — onde se realizou a Assembléia.

Os Centros de Luta que participaram: do Rio, Força Negra, Olorum Baba Min, Vidigal, Santa Maria e Luiz Amorim. De São Paulo foi apenas apresentado relato dos trabalhos que estão sendo feitos junto aos bóias-frias e subempregados. De Minas: relato de 11 Centros com proposta para fazer um jornal Da Bahia: Palmares Iñarón, Grupo Negro, Grupo de Cultura Afro-Brasileiro, Frente Feminina Negra. Centro de Luta Dandara, Grupo Malê de Cultura e Arte Negra, C.I. Castelo Branco, Candomblé Afomé e Refavela.

NASCE O PROTESTO

As denúncias de racismo se sucediam a todo o momento. Os últimos acontecimentos conhecidos: a morte de Robson Silveira da Luz e de Milton Lourenço e a discriminação a quatro atletas negros de um clube paulista. A 12 de junho apareceu a primeira voz de protesto. Uma semana depois estava criado o MNUCDR, com a sua primeira atividade ato público no dia 7 de julho, em São Paulo.

Na manhã do dia 7, cinco mil cartas abertas foram impressas: "Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia" — dizia o documento.

Mais de mil negros fizeram a leitura em coro da carta aberta ao ato público, de onde nasceu a idéia da criação dos Centros de Luta.

PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO

A primeira assembléia Nacional do MNUCDR aconteceu em São





Ato Público em São Paulo: primeira manifestação negra contra o racismo

Paulo, a 23 de julho. No encontro foram aprovados os pontos básicos para um programa de luta da comunidade, assim como reivindicações de melhores condições de vida, contra a discriminação racial e pela liberdade de expressão e organização dos negros.

Pela primeira vez, a luta contra a discriminação racial teve nível nacional, com a participação de 25 entidades de São Paulo, Rio, Belo Horizonte e ainda moções de apoio vindas da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

VOTO RACIAL

Quase 300 pessoas distribuídas em 20 Centros de Luta participaram da segunda Assembléia Nacional, realizada nos dias 9 e 10 de setembro, no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), Rio de Janeiro. Em pauta: discussão final para a aprovação da carta de princípios, os estatutos, o programa de ação e a posição do movimento diante das eleições. Todos estes itens foram aprovados, além do apoio dado pelo "voto racial" aos candidatos negros que assumissem o programa mínimo do movimento.

O QUE É O MNUCDR

"O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidade Negra. Este movi-

mento deve ter como princípio básico o trabalho de denúncia permanente de todo ato de discriminação racial, a constante organização da Comunidade para enfrentarmos todo e qualquer tipo de racismo". Esta é a definição contida na carta aberta à população, lida em coro, durante o ato público de São Paulo. A base organizadora do movimento está nos Centros de Luta, que são os grupos criados em todo o lugar onde o negro estiver, contendo o mínimo de três participantes. Tarefas dos Centros: divulgação do programa de ação, recrutar novos membros e incentivar criação de novos Centros de Luta. O organismo imediato é a Coordenadoria Municipal que terá um representante de cada centro. Para a Coordenadoria Estadual serão eleitos três representantes da coordenadoria municipal, de onde sairão mais três representantes para a Comissão Executiva Nacional.

CARTA DE PRINCÍPIOS

Nós membros da população negra brasileira, entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos sinais característicos dessa raça —, reunidos em Assembléia Nacional, convencidos da existência de discriminação racial; marginalização racial; política, econômica e social do povo negro; péssimas condições de vida; desemprego; subemprego; discriminação na admissão de empre-

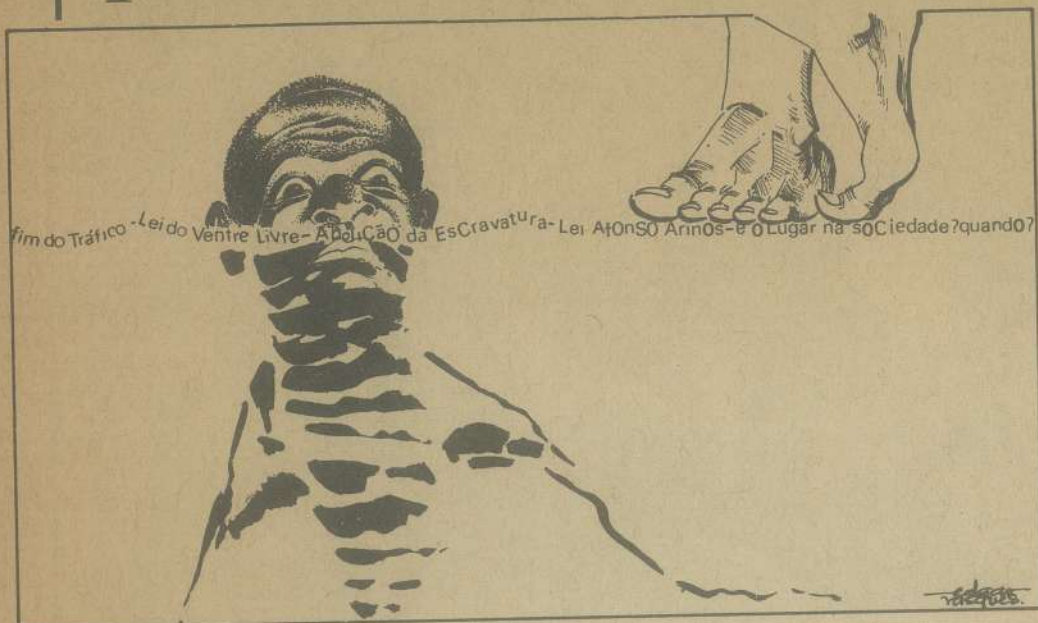
gos e perseguição racial no trabalho; condições sub-humanas dos presidiários; permanente repressão, perseguição e violência policial; exploração sexual; econômica e social da mulher negra; abandono e tratamento desumano dos menores, negros em sua maioria; colonização, descaracterização, esmagamento e comercialização de nossa cultura; mito da democracia racial.

Resolvemos juntas nossas forças e lutar pela: defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, social e cultural através da conquista de: maiores oportunidades de emprego; melhor assistência à saúde, à educação e à habitação; reavaliação do papel do negro na História do Brasil; valorização da cultura negra e combate sistemático a sua comercialização, folclorização e distorção; extinção de todas as formas de perseguição, exploração, repressão e violência a que somos submetidos; liberdade de organização e de expressão do povo negro...

E considerando que: nossa luta deve ser dirigida por nós, queremos uma nova sociedade onde todos participem realmente; como não estamos isolados do restante da sociedade...

Nos solidarizamos com: toda e qualquer luta reivindicativa dos setores populares da sociedade brasileira que vise à real conquista de seus direitos políticos, econômicos e sociais e com a luta internacional contra o racismo.

Somos todos iguais perante a Lei



Sebastião Rodrigues Alves pagou do próprio bolso a passagem de avião — já que o governo não quis financiar a viagem — e foi até Cáli, na Colômbia, em agosto de 1977. Participou do Primeiro Congresso de Culturas Negras das Américas e principalmente deu seu depoimento sobre o negro brasileiro.

O que teria Sebastião para contar sobre o negro do país da democracia racial, onde todas as raças são iguais perante a lei, e vivem em perfeita comunhão e igualdade? As respostas foram encontradas exatamente nos textos das leis que tratam da questão racial no Brasil. Sebastião Rodrigues falou do *subconsciente histórico*, que se “reflete em toda a legislação pertinente, a partir da Lei Áurea (1888), que aboliu a escravatura para mostrar que não há negros nem brancos e, sim, somente brasileiros não classificados pela origem social. “Estabelece-se assim — constatou Sebastião — a anulação legal das diferenças raciais para apagar a brutal tradição escravagista”.

DUAS OU TRÊS LINHAS LIBERDADE

“A igualdade racial declarada na Constituição vigente e em algumas leis complementares significaria que nós negros temos as mesmas oportunidades, os mesmos instrumentos de luta e iguais caminhos que o resto da sociedade para nela, a sociedade, afirmar nossa personalidade humana” expôs Sebastião. E disse mais: “se, por uma tragédia histórica, milhões de negros foram tirados

de seus lares nativos, dos deuses de sua fé, de seus hábitos e costumes para servir na degradação escravista, estariam agora, através de duas ou três linhas da lei, restituídos da sua liberdade na nossa terra, chame-se ela Brasil, Colômbia, Porto Rico, Venezuela, Peru ou Guatemala”.

“A alegação jurídica de que somos todos iguais perante a lei”, segundo Sebastião Rodrigues Alves, “longe de ser a consumação da luta dos negros pela liberdade e afirmação racial, é muitas vezes, uma forma de escamotear suas reivindicações”.

PROTESTO NEGRO

A Rua Direita em São Paulo era dos brancos. Apenas eles podiam passar por ali, em 1938. Porém, os negros achavam injusto, afinal eles também moravam na cidade. Junta-ram dinheiro e mandaram Sebastião e outros companheiros até o Rio de Janeiro: falaram com o ditador Getúlio Vargas e exigiram transitar sem discriminação pela Rua Direita, para desespero dos racistas da época. “Como todos nossos companheiros, tomamos parte em longos anos de luta desse protesto negro. Em nossa juventude, sua forma era conduzida pela necessidade de sermos aceitos apenas na sociedade. Por isso, a forma de nosso protesto se dirigia a conscientizar o negro de seus direitos, de atualizar esses direitos mediante protesto veemente quando a circunstância se apresentava”.

Assistente social, atualmente tra-

balhando no Rio de Janeiro, Sebastião acompanhou a experiência do Teatro Experimental do Negro, em 1946, com Abdias do Nascimento. Foi um dos organizadores dos inúmeros encontros, simpósios e congressos sobre o negro realizados nas décadas de 40 a 50. Uma tentativa de retomar a memória negra, apagada pela escravidão e a ciência branca que se preocupa em tratar o negro como peça rara para comprovar sua superioridade.

Uma pergunta que o representante brasileiro fez aos negros que ouviram seu relato da situação racial no Brasil: “Não estaremos praticando outra forma de abolição da memória passando o centro de gravidade da luta para as conquistas sócio-econômicas e esquecendo que nos estão roubando o espírito negro, nossos valores negros, nossas raízes negras, quando unimos os conceitos de raça e classe?”. Certamente não obteve apenas uma resposta, mas encarregou-se de esclarecer o que pensava sobre a polêmica, dizendo: “É bom lembrar que até pouco tempo atrás a palavra negro era quase proibido entre nossos irmãos: era sinônimo de escravo, de servil, de marginal. Os que trabalham pela conscientização do negro fazem um grande esforço para resgatar o profundo conteúdo histórico e espiritual da palavra negro e devolvê-la a sua plena significação. Essa palavra negro é o fundamento existencial de nossa luta na busca da afirmação de nossos direitos e de nossos valores”.

20 de Novembro: o outro gume da faca

Cresce na comunidade afro-brasileira o consenso de que Palmares foi a principal passagem na história do negro do Brasil. Ao mesmo tempo está se generalizando cada vez mais a valorização do dia 20 de novembro (morte heróica de Zumbi) como data de homenagem ao estado negro e livre do século XVII e como data máxima da comunidade. Em Porto Alegre, São Paulo e Rio ela tem sido marcada com significativa programação, como aconteceu em 78: FEABESP — Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo — Quilombo no Rio e seguramente outros grupos. Mas a data pode servir a interesses bem opostos, mostrando-se como uma faca de dois gumes. Com que lado afinal ela se identifica realmente? Qual o seu verdadeiro sentido?

Vinte de novembro, como data negra, dá a qualquer setor da comunidade o direito de comemorar Palmares nesse dia. Mas está aí o perigo do *vinete* ou Palmares ou a figura de Zumbi serem faturados por interesses oportunistas, em forma de descaracterização e esvaziamento.

Em Porto Alegre houve um exemplo recente bem claro: o frustrado Congresso do Floresta Aurora que ia ser promovido para a participação de entidades negras de todo o Estado foi até mesmo dedicado ao Governador (homenageado de honra), ao Vice-Governador (presidente de honra) e ao prefeito municipal. O regulamento do Congresso tomou o cuidado de não se identificar com a data de Palmares, mas está evidente que o período do conclave - 19 a 25/11 - foi escolhido em função do dia 20. A preocupação cresce no momento em que até o Candeia fala (Revista José) em pedir às autoridades um monumento a Zumbi. E como não ficar preocupado, mesmo quando a idéia parte — talvez inadvertidamente — do líder recém desaparecido dessa bela experiência que é o GRAN Quilombo, no Rio de Janeiro?

Palmares é e só tem que ser um símbolo do povo negro na sua luta por identificação histórica e cultural, reconhecimento social e condições de sobrevivência. Símbolo também do povo brasileiro em geral em sua luta por melhores e dignas condições de vida, que o sistema

Eu canto aos Palmares
odiando opressores
de todos os povos
de todas as raças
de mão fechada
contra todas as tiranias!

Solano Trindade
(Poeta negro)
"Cantares ao Meu Povo"

Depois meu avô brigou
como um danado
nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu.
Não foi um pai João
humilde e manso.

Solano Trindade
"Cantares ao Meu Povo"



não oferece absolutamente à esmagadora maioria da população. Se antes a classe trabalhadora era constituída apenas de negros escravos, hoje se acha ampliada: inclui também o branco e é herdeira legítima do passado escravista, distante apenas 90 anos. E a marginalização não faz distinção de cor ou raça. Daí que Palmares tem sentido para o negro em sua luta muito específica e pode tê-lo também para o branco.

Abdias do Nascimento chega a ver em Palmares um modelo social que poderia servir de inspiração para a luta pela transformação da sociedade brasileira. Refere-se assim à necessidade de buscar soluções baseadas nas condições locais em vez de simplesmente copiar fórmulas alienígenas e impô-las a nossa realidade. De fato, séculos antes das revoluções socialistas, tivemos aqui,

em Palmares, a experiência de "uma sociedade organizada com eficaz sistema de produção comunal e de trocas", como diz Abdias.

Palmares foi o primeiro grande e eloquente grito de liberdade ocorrido no Brasil à época da dominação e exploração portuguesa. Hoje, sem a antiga metrópole, continuamos sendo, sob o patrocínio do capitalismo, um povo dominado e explorado por uma classe minoritária privilegiada. A absoluta maioria da população negra pertence à classe dominada, trabalhadora, pobre, marginalizada. Com quem então devem ficar a simbologia do 20 de novembro, a figura de Zumbi, Palmares e sua mensagem? Com o negro, com o povo ou devem contraditoriamente ser usados a serviço dos interesses da classe dominante?

O negro em armas no Sul

O Rio Grande do Sul foi fundado em 1737, data de fundação do presídio militar de Rio Grande, primeiro estabelecimento oficial português. Nessa data, desembarcava ali o brigadeiro Silva Pais, trazendo em sua expedição negros do Rio, Bahia e Minas. Entretanto, aguardavam o desembarque em terra os 160 homens do sertanista e tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu, entre os quais também havia negros. É que o negro já estava presente desde muito antes dessa data. Um século talvez. Ou mais.

“É de afirmar-se que a presença do negro no Rio Grande do Sul tenha se verificado em fins de 1635, quando irrompeu nos Vales do rio Taquari e Jacuí, a bandeira de Raposo Tavares composta de 120 portugueses e 1.000 índios tupis” — diz Cláudio Moreira Bento em seu livro *O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)* que também levanta a hipótese do negro ter entrado antes ainda.

Laguna, em Santa Catarina, foi fundada em 1684 pela expedição de Domingos Brito Peixoto, composta de 70% de negros (50 escravos pretos e 10 brancos). Em 1680, quando os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, que hoje fica no Uruguai, mas naquele tempo pertencia ao Rio Grande, trouxeram negros e alguns deles eram soldados.

“Durante o período 1684-1725, ou seja, 41 anos, estes negros, mulatos e outros faziam parte da massa principal para a penetração dos



lagunenses no território do Rio Grande do Sul atual”.

Em 1735 partiu de Laguna a frota de João de Magalhães, “composta de 30 homens, na sua maioria pretos e mestiços desta raça”. A frota acampou em São José do Norte e ficou dois anos no Rio Grande, em missão militar. Na guerra guaranítica (ou das Missões), entre 1754 e 1756, o negro participou, integran-

do o chamado Exército Demarcador. Até mulheres — e entre elas mulheres negras — acompanharam por certo tempo esse exército. O resultado dessa guerra não foi nada edificante: genocídio de indígenas a mando dos interesses portugueses e espanhóis. Tinha negros na primeira guarnição militar de Porto Alegre, então chamada Porto do Dorneles, em 1752.

NEGROS VALIENTES

Em 1763, os espanhóis tomaram dos portugueses a Colônia do Sacramento, os fortes de Santa Tereza e São Miguel e a vila de Rio Grande, uma invasão que durou até 1777. Na guerra que então se travou destacaram-se as tropas de Rafael Pinto Bandeira e outros comandantes. Nelas estava o negro. Ficaram famosos os negros das forças comandadas por Rafael Pinto Bandeira. Um sargento espanhol escreveu em versos, na época, que ele andava sempre acompanhado por um “horro de negros valientes/que el temor no conocían”. Cerca de 80 negros participaram do ataque ao forte de Santa Tecla, com Bandeira, e depois passaram a integrar a Legião de Cavalaria Ligeira desse comandante. Na decisiva batalha de Santa Bárbara em 1774, concluiu-se que o negro estava presente, “ajudando a de finir um Rio Grande brasileiro”.



Seguem-se as guerras de 1801, as de 1816 e 1820 com Artigas e a Guerra da Cisplatina de 1825 a 1828, já após a Independência do Brasil. Artigas protegia os negros fugidos do Rio Grande (naturalmente com a intenção de incorporá-los às suas forças). Em 1817 foi criado no Rio um batalhão de caçadores formados por negros libertos para servirem na Província Cisplatina. Na Batalha do Passo do Rosário de 1827, que decidiu a posse da Cisplatina, havia também um número considerável de negros. Durante esta luta houve recrutamento de militares pardos e pretos livres de Porto Alegre para servirem na fronteira.

NEGROS FARROUPILHAS

Na Revolução Farroupilha — 1835 a 45 — tomaram parte os famosos lanceiros negros, integrando o exército farrapo. Havia dois corpos de lanceiros negros, cada um deles totalizando 426 homens, divididos em oito companhias. O mais célebre é o Primeiro Corpo de Lanceiros Negros “organizado e instruído inicialmente pelo coronel Joaquim Pedro Soares” e depois pelo major Joaquim Teixeira Nunes (depreende-se que fossem brancos). Teve atuação decisiva na batalha do Seival em 1836 e parte dele estava na retirada de Laguna. Em 1844, na



Surpresa de Porongos, os lanceiros negros “salvaram a Revolução Farroupilha do desastre total”. Com o ataque inesperado dos imperiais, houve uma debandada geral, cabendo à negrada agüentar a barra no peito e na raça. Dos 100 mortos farroupilhas, 80 eram lanceiros negros. Alguns dias depois, o corpo de lanceiros ainda tomaria parte no seu último combate, em que morreu Teixeira Nunes.

Escreve Moreira Bento: “Dos lanceiros negros acreditamos que tenham restado mais de 120, que após a paz de Ponche Verde” (em que foram libertados todos os cativos que serviram aos farrapos) foram mandados pelo Barão de Caxias adir aos três regimentos de cavalaria de Linha da Província”. Dentro em breve iriam lutar no Uruguai e Argentina na guerra contra Oribe e Rosas” (1851-1852). Quer dizer, saíam de uma para entrar noutra, até morrirem todos. E essa era a sua liberdade.

COMO BUCHA DE CANHÃO

O negro foi também presença marcante na guerra do Paraguai. Como escravo não podia integrar tropas regulares e sim apenas as auxiliares, era libertado com o fim de se tornar soldado e marchar para a luta — como bucha de canhão. Uma safadeza muito comum era os brancos se livrarem de ir para a guerra mandando seus escravos como substitutos. Veio a revolução de 1893 e lá andava o negro, entre chimangos e maragatos. O jornal negro “O Exemplo” (Porto Alegre, 1892 -

1930) protestou contra o recrutamento obrigatório preferencial para negros. Nessa revolução destacou-se a triste figura do mulato Adão Latorre, degolador, naturalmente a mando de seus chefes brancos. O papel de carrasco era outra posição de fácil acesso ao negro. Na revolução de 1923, também andava o negro, evidentemente. Para a guerra ele nunca foi nem será esquecido.

HEROÍSMO, GLÓRIAS, SACRIFÍCIOS. E DAÍ?

Todos esses fatos da história gaúcha — dados importantes, que autores como Cláudio Moreira Bento ou Guilhermino César fornecem à nossa interpretação — nos levam a conclusões infelizmente pouco animadoras. O negro, além de emprestar sua força de trabalho nas charqueadas, lavouras de trigo ou de milho-cânhamo, estâncias, vilas e cidades, foi um dos sustentáculos militares do Rio Grande desde sua formação. Entretanto, não servia a si próprio, mas a interesses alheios. Era usado. Combatendo ao lado de brasileiros e espanhóis, servia aos interesses da dominação colonialista que iria exterminar os indígenas na guerra das Missões ou que iria assegurar a posse territorial dos portugueses ou de espanhóis. Se dos farrapos ganhava liberdade, que representava ela diante da mortandade de negros em combate, da contingência de ter que ir para outro campo de batalha e da falta de condições para viver livre em tempo de paz?

Mesmo depois da abolição continuou o negro a ser usado da mesma forma, na briga dos latifundiários e políticos. Lutou, defendeu e recebeu em troca essa marginalização que está aí. Esse direito de continuar pertencendo à classe dominante.

O máximo de positivo que conseguiu foi sobreviver, frustrando as expectativas daqueles que, como Nina Rodrigues, depositavam esperanças numa “nação branca, forte e poderosa, provavelmente de origem teutônica, que se está constituindo nos estados do sul, donde o clima e a civilização eliminarão a raça negra, ou a submeterão...”

Malgrado tudo isso, estamos aí.



A Colônia Africana foi a continuação da senzala, desde a Abolição até a Segunda Guerra. Descia os fundos das chácaras de famílias ricas da parte alta da Independência e 24 de Outubro. Os negros do Bom Fim e Rio Branco brincavam no Carnaval, enquanto o relho da polícia não batia. Tudo existiu até a valorização imobiliária do local. Então veio o confinamento para outras vilas em troca de terrenos baratos. A colônia não passou de uma grande festa.

COLÔNIA AFRICANA

Do final da escravidão até o início da Segunda Guerra Mundial a comunidade negra de Porto Alegre se concentrou nas ruas que hoje compreendem o Bairro Rio Branco. Era a Colônia Africana, hoje tão pouco lembrada, mas que até a década de 40 se expandia pelas ruas Fernandes Vieira, Ramiro Barcellos, Cabral, Vasco da Gama, Livramento, Giordano Bruno, Miguel Tostes e seguia até atingir a Lucas de Oliveira.

Mas o que era a Colônia Africana? Nos livros de história da cidade sempre há ausência de referências. E as 51 linhas do artigo de Ari Veiga Sanhudo, no livro "Crônicas de Minha Cidade", são pouco esclarecedoras, e até preconceituosas. Ari Sanhudo escreve: "eu conheci no tempo dos largos valos e vicejante macega, era um lugar de meter medo..."

Na história da Colônia poucos sabem e as lembranças se perderam na memória de quem morou por lá. Mas a verdade é que o bairro negro teve origem nas chácaras das ricas famílias residentes na avenida Independência, 24 de outubro, geograficamente a zona mais alta da cidade. Numa linguagem mais clara, a Colônia Africana era a senzala dos casarões tradicionais.

Mas a Colônia Africana, na lembrança dos antigos moradores, hoje espalhados pelas vilas e bairros distantes — resultado do crescimento do comércio imobiliário — foi bastante rica em detalhes, que faziam com que ela tivesse uma vida muito própria. Altílio Ramos, o popular *Botinha* que jogou no Internacional, lembrou da Colônia como um lugar em que cada um possuía "a sua casa própria e onde os aluguéis eram muito baratos":

— As casas eram baixas, muitas de alvenaria, outras de madeira, mas nada lembrando os barracos que hoje vemos nas vilas. A maioria saiu de lá forçada, afinal os judeus ofereciam em troca de suas casas um terreno lá na Vila Jardim, que era um mato e não tinha nenhuma condição. Mas, enquanto a Colônia existiu se vivia bem lá. As mulheres eram donas de casa e os homens trabalhavam no porto, nos bancos, na rede ferroviária

e nos Correios. Estes eram os lugares a que o negro tinha maior acesso.

Mas a Colônia não era apenas desfile de moças, quedas de lenços, troca de olhares e pedidos de namoro nas tardes de domingo. A Colônia Africana marcou sua época com seus blocos carnavalescos. Dali saíam os grandes nomes do carnaval do passado como os Tesouras, Os Tesouradas, Bloco dos Fazendeiros, Os Prediletos, Recordação do Passado.

Entre os blocos havia muita rivalidade, principalmente entre Os Prediletos e Os Torunas, com cada um querendo ser melhor do que o outro. Para Sueli Dias Mendes — filha de Alípio Dias, dono do salão de baile mais popular da Colônia Africana e de Porto Alegre — estas brigas eram o que dava uma maior movimentação ao carnaval. O salão de baile do Alípio Dias, se localizava na esquina da Miguel Tostes, antes Rua da Esperança, com a Casemiro de Abreu.

— O primeiro salão de baile criado por meu pai foi a Filosofia Negra, porque existia em Porto Alegre uma sociedade, a Filosofia Branca. Mais tarde ele adquiriu a sede do clube de futebol Rui Barbosa e transformou no salão mais conhecido de Porto Alegre. Tanto que com o passar do tempo as pessoas cha-

mavam meu pai de Rui, pensando que o nome dele era este, conta Sueli. Recebendo cantores do Rio de Janeiro e palco da famosa orquestra Cruzeiro, o Salão do Rui sobreviveu por longo tempo, embora sob o controle da repressão policial.

Antonietta Teixeira mora hoje na Vasco da Gama e pegou a Colônia já no final, mas lembra da ação repressiva da polícia no bairro:

— A polícia batia de relho. Tinha um policial branco muito temido que era o Pascoal Parula, que quando via os negros na rua depois do toque de recolher, dado sempre às 10 horas, não hesitava em dizer: "o negro é bom para este relho" e batia forte. O calçamento da maioria das ruas da Colônia foi feito pelos negros presidiários. E eles não podiam parar, porque os soldados davam pauladas. Isto era o que a gente via, eu era pequena, mas ainda me lembro. Muita coisa deveria acontecer, mas a gente pouco sabia.

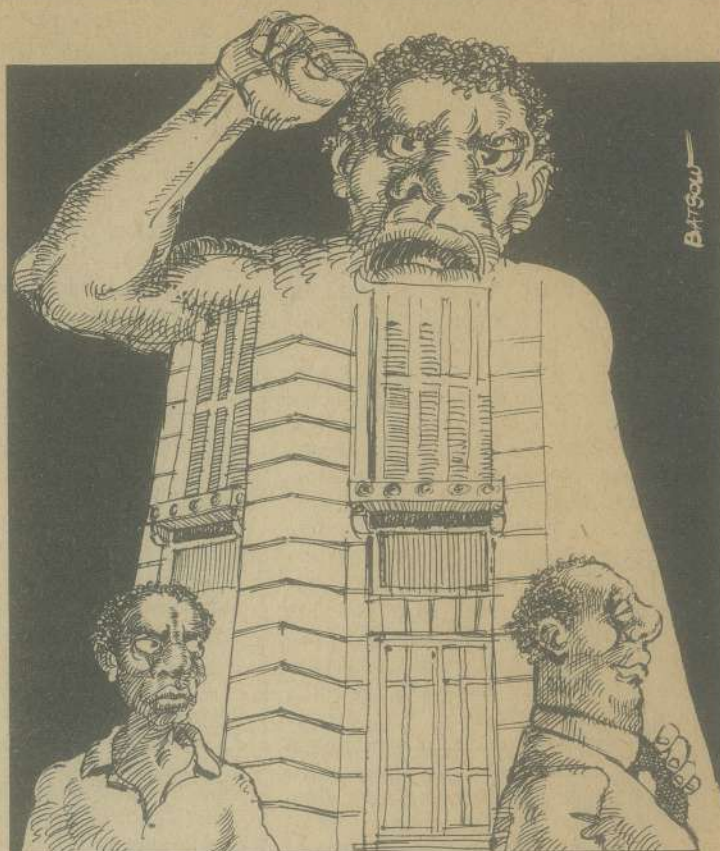
De uma aglomeração feita ao natural e desfeita quando o valor dos terrenos cresceu, a Colônia Africana representou uma fortaleza do negro, embora Elizeu Mendes negue a existência de um posicionamento político ou significado de força. Para ele a "Colônia não passou de uma grande festa".

COLÔNIA AFRICANA



Floresta Aurora, resistência apesar de tudo.

Mansão Black hoje, Floresta Boca 18 no passado, a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora não tem piscina nem cancha de tênis, mesmo assim durante mais de 100 anos tem sido um local de resistência do negro de Porto Alegre. Como reflexo do tempo, o mais antigo clube de descendentes africanos do Brasil se confunde hoje em campanhas geralmente frustradas.



Embora exista controvérsia em torno do ano de sua fundação (entre 1870 e 1872), o certo é que o Floresta Aurora vem se mantendo por mais de 100 anos como um ponto de resistência do negro de Porto Alegre, mesmo não tendo realizado o projeto de muitas famílias negras com pretensão de comportar-se exatamente como aqueles que dominaram seus antepassados.

A sociedade enfrenta agora a discriminação racial em Porto Alegre, aberta ou disfarçada, assim como pagou impostos indevidos, cobrados durante bailes que eram arbitrariamente encerrados pela polícia no passado, conforme denuncia o jornal "O Exemplo" que circulou na comunidade negra entre 1882 e 1937.

Mesmo dentro de seu quadro social o Floresta Aurora encontrou discriminação, não pela cor da pele, mas pelo dinheiro que alguns negros que "subiram na vida" usavam para demonstrar que eram diferentes de seus parentes pobres. Foi a época em que os títulos patrimoniais do clube se tornaram inacessíveis para a maioria, embora a entidade oferecesse pouco a seus associados.

Das realizações do Floresta nos últimos anos não há muito o que lembrar, à exceção talvez do espetáculo de teatro "Orfeu do Carna-

val" montado no Teatro São Pedro na década de 50. Afora isso, restam os bailes e as boas intenções.

Nem mesmo o bloco "Os Intocáveis" teve continuidade. Daí se entende que o carnaval não faz parte das preocupações do clube. A não ser pelos bailes que realiza, até o samba está sumindo. Substituído pelo "soul music". E, em consequência do comportamento de jovens consumidos pelo vazio cultural do país, o Floresta Aurora agora é chamado de "Mansão Black".

O atual presidente do Floresta, Antonio Carlos Côrtes, que ao ser empossado pretendia dar atenção não apenas ao bem dos associados, mas de toda a comunidade negra porto-alegrense, até o momento só conseguiu uma promoção, além de quase extinguir o bloco carnavalesco: lançar uma campanha para a adoção de crianças negras por famílias negras. A outra idéia, a do Con-

gresso de Sociedades Negras do Rio Grande do Sul, programado para novembro, foi adiada sem data.

No caso das adoções de crianças negras, a campanha não deu certo por uma razão bastante evidente: a extensão do problema do menor vai muito além de qualquer boa intenção de entidade ou coisa parecida. E o que se viu foi apenas o crescimento do prestígio pessoal do presidente do clube. Já o encontro de Sociedades Negras — na verdade um encadeado de discursos oficiais sem nexo para a questão negra — foi transferido com as justificativas de falta de dinheiro e despreparo das demais entidades para a seriedade do encontro. Mas há, também, quem identifique a proximidade da morte de Saul Costa Carvalho e todo o envolvimento que a sociedade não quis assumir como a principal razão para o Floresta deixar para outro ano o Congresso.

Floresta de ontem e de hoje. Do carnaval e do Black Soul. Do chão de lage ou piso de parquê? Das dívidas que sobem e descem. As diretorias contam histórias. E as soluções?

Na época em que foi fundada por negros alforriados, o Floresta Aurora conseguiu formar um grande quadro social. Hoje, depois de muitos anos esta situação parece não ser a mesma. Mas o presidente, advogado Antonio Carlos Cortes não sabe fazer comparações com aqueles tempos:

“Com relação a este dado, a resposta fica prejudicada porque só podemos informar sobre o presente. Atualmente estamos com 1.600 sócios, é claro que se multiplicarmos por quatro que é o número médio de cada família — raciocina Cortes — teremos um acréscimo”. Embora não saiba do passado, o atual presidente da sociedade tem critérios para pensar o presente: “Se considerarmos o número de eleitores negros de Porto Alegre, que está em torno de 80 mil, o Floresta deveria ter no mínimo 15 mil sócios”.

Os associados do Floresta, no entanto, se afastaram do clube. Será que Cortes sabe por que? “Se houve afastamento foi devido à abertura que o clube sempre apresentou, permitindo que não sócios frequentassem a sociedade”. O exemplo que o presidente dá: “Podem ver pelo bloco ‘Os Intocáveis’, que desfilava com cerca de mil foliões. Desses, acho que 50 por cento não eram sócios, mas amigos e simpatizantes”. Já o ex-presidente Júlio Soares não concorda: “Eu creio que o afastamento se deveu às dificuldades financeiras que não permitiam o pagamento das mensalidades. Além disso, um dos bons motivos que levaram o sócio a se afastar do Floresta foi o de que não há mais aquela união da velha guarda”.

Talvez o movimento comercial “black” dentro do clube esteja afas-

tando os antigos sócios? É Júlio Soares quem responde novamente: “Exatamente, esse tipo de promoção é bom para os jovens, são eles que gostam, mas nós sabemos que 60 por cento deles não pertencem à sociedade, que permite entrar qualquer elemento”. Júlio lamenta, mas existem outros que consideram o fato necessário.

O também ex-presidente João Braga, por exemplo, acha que “este não é o motivo de afastamento, pois a denominação de Mansão Black, dada pelos jovens de hoje corresponde à denominação que era usada na minha juventude — Floresta Boca 18”.

SITUAÇÃO DELICADA

Os sócios não indo ao clube, a receita é baixa. E Antônio Cortes se queixa:

—Aí tenho que fazer um esboço histórico. Assumimos em setembro de 1977, com 81 sócios em dia. Como advogado fui o primeiro distribuidor de ações contra o Floresta, que tinha um débito de 300 mil cruzeiros. Enlouqueci: assumimos uma dívida enorme. Hoje, graças a Deus os 300 mil baixaram para 40 mil cruzeiros, com a promoção dos jovens”. Cortes explica melhor: “mantivemos esse movimento Black, mas é uma fase passageira. Um mal necessário, uma receita mais viável a curto prazo”. Será que a juventude está sabendo disto? Júlio Soares sabe e não gosta nenhum pouco: “Não acho válido, nem como solução financeira”. O ex-presidente do clube tem outras alternativas para solucionar o problema do centenário Floresta. Soares acha que “essa diretoria não assumiu em estado desesperador”. E diz, em função disso que “a solução poderia ser encontrada com o chamamento dos sócios para uma contribuição monetária”.

A sugestão tem por base uma experiência passada. Segundo Soares “em outras épocas, o Floresta esteve muito pior; hoje a sociedade tem dívidas, mas por outro lado tem um patrimônio duas vezes maior, e não



deveria abrir assim suas portas

O Floresta talvez devesse ter mais critérios para abrir suas portas, porém necessitaria também de outras maneiras para comunicar aos associados o que acontecem com o terreno que o Clube teria vendido Sociedade Hípica. Júlio Soares quem conta:

“Aquele terreno nem chegou ser do Floresta. Apenas entrou numa transação que deixou a sociedade numa situação delicadíssima. Na ocasião, tínhamos o prédio da R. Lima e Silva. Aí uma corretora que nos vender o terreno da Hípica, que era um matagal. Não houve ressarcimento, comprou-se o terreno através de títulos que foram vendidos por todos os lados. Bastava ser puto, não interessava quem fosse. E a venda se processava no “me dá 3 cruzeiros e toma o título”. Os nomes de quem comprou ninguém sabe, que dirá os endereços. Foi uma desorganização total pois naquele tempo o clube também esteve envolvido no comércio de Porto Alegre”.

CARNAVAL VULGARIZA

Atualmente como está organizada o Floresta? Antonio Cortes explica: “Nós administramos a sociedade de como se fosse uma empresa particular nossa. Alugamos a parte ociosa do terreno, até mesmo o espaço aéreo e isso nos dá uma renda mensal de 7 mil cruzeiros”. E o presidente avisa que “aquilo que está sendo criado terá que ser seguido pelas próximas diretorias e ficará totalmente determinado, sem que nossa filosofia seja mudada”.

Se a atual diretoria estiver realizando uma boa administração sem desnecessária uma mudança? A re-



Saul dançava no Floresta. A vizinhança não gostava dos bailes. Ele morreu. O criminoso: preconceito racial.

Saul Costa Carvalho foi morto na madrugada do dia 22 de outubro, quando saía de um baile do Floresta Aurora. E como não bastasse o assassinato, a defesa do criminoso foi feita através dos chavões do preconceito racial.

Mais lamentável que tudo foi o comportamento inicial da direção do próprio clube, que apenas se envol-

veu na questão quando a Associação dos moradores do Cristal, numa atitude absurda, enviou memorial à Secretaria de Segurança Pública, pedindo que o Floresta Aurora fosse fechado. Então o presidente Antônio Cortes partiu para a denúncia: “Além do preconceito racial, há especulação imobiliária por trás de tudo isto. Se houvesse cerceamento

de promoções queria o memorial secretário de segurança para neira de forçar o clube e, em consequência do terreno. Quer sociedades negras segurava Cortes, va, entretanto, o Vinte de Novembro

tão encoberta quanto o crime. A comunidade negra entendeu o acontecimento e, principalmente, os jovens que chegaram a uma conclusão: dançar soul music incomoda racistas mal-humorados, que por terem cor da pele mais clara são defendidos ao atirar em quem se diverte no fim-de-semana.

RACISMO:

Filho predileto da exploração

Num sistema dominado pelo capitalismo, não há soluções para o negro. Como o branco proletário, ele sofre as mesmas pressões e não é livre. Isto serviria para haver uma união entre negros e brancos que vivem nas mesmas condições. Porém, devido ao racismo existente, mesmo nesta classe, isto não acontece.

O historiador Décio Freitas, sobre esta questão, diz que "o branco pobre, trabalhador, se sente superior ao negro da mesma condição social. Ele vê que, embora os dois estejam na mesma situação, ainda possui uma vantagem: "o fato puro e simples de ser branco." Tal pensamento, segundo Décio, lhes é incutido pelas classes dominantes para desmembrar uma reação mais violenta, tanto do negro (mão-de-obra barata) como do branco e trabalhadores em geral.

O trabalhador branco luta por melhores condições de trabalho e vida. Porém o negro luta dobrado: por estas mesmas melhorias, além da luta para se impor e ser aceito com sua cor escura. Por isso, o negro é discriminado duas vezes: como membro de uma classe baixa e como negro (raça inferior). Para Décio, o racismo seria então, um artifício eficaz usado pela minoria dominante, desde a escravidão.

O NEGRO-MOEDA

Segundo Décio Freitas, o Brasil, em certas regiões, não conheceu a escravidão negra e sim de índios, os primeiros escravos. Mas em determinado momento, iniciou-se uma campanha contra o cativo indígena, levada pelos mercadores europeus, jesuítas e pelo Vaticano.

Para ele, a causa da vinda do negro como escravo não se deve ao fato do índio ter sido considerado muito débil fisicamente, não possuir tradição de trabalho sedentário ou, então, por ele não ser muito afeito às atividades agrícolas, como a história oficial quer demonstrar. "A grande verdade é que o cativo indígena não servia à Coroa Ibérica como o tráfico de africanos, pois pouco rendia. O tráfico de negros obedeceu ao mercantilismo europeu."



Amontoados em porões de navios, dizimados por moléstias, divididos e despojados de suas tradições, os negros passaram a ser uma fonte muito rica de renda para a Europa. Mas o que foi o escravo negro? Teriam sido dominados tanto os camponeses como a aristocracia africana? Na opinião de Décio Freitas, a escravatura foi fruto da convivência dos próprios negros com os mercadores.

ARISTOCRACIA

O negro veio parar na América não só porque foi aprisionado na costa do continente africano pelas expedições brancas, pelos mercado-

res. As classes dominantes — com acontece hoje no Zaire — tinha interesse em se desfazer de seus inimigos políticos, da própria tribo e prisioneiros de guerras. Além disso, no geral, o negro escravizado era camponês, o que dá bem uma idéia da disputa por terra. O historiador lembra que, principalmente no S. XVIII, a divisão de classes era bem evidente.

"O racismo é uma ideologia, um mecanismo de opressão, para sustentar a escravidão", afirma Décio Freitas, justificando porque "neste tempo dizia-se que o negro era inferior. Entretanto o quadro sociológico dos descendentes dos escravos africanos não mudou muito. O negro foi continua sendo considerado uma força de trabalho barata. A ideologia racista é propagada pela classe dominante, fazendo com que o próprio negro acredite na sua falsa inferioridade, pois é preciso que exista uma categoria que trabalhe por uma baixa remuneração. "Há quem sustente a formação de uma burguesia negra no Brasil, a exemplo dos Estados Unidos", diz Décio, "mas é certo que não será tão rica quanto a burguesia branca, pois o atual sistema de produção não dará chances

ETNIA

Mas Décio Freitas revela que isso não é o pior. De acordo com o historiador, existe outro fato que talvez seja o mais doloroso. Ele lembra que no Brasil e em outros países sem ser a África, não existe uma raça negra, não existe uma etnia. "Para que isso aconteça, são necessários três fatores importantes: homogeneidade racial, comunidade linguística própria e uma região geográfica. Aqui, a região geográfica é o Brasil local de tantas outras raças, a língua é o português e a mistura de raças é enorme."

A perspectiva para o negro não das mais promissoras. Se o branco — para conseguir status — precisa corromper, o negro se corrompe muito mais. "Isto tudo tem origem numa divisão dentro da própria África", diz Décio, "e perdura até hoje através do mecanismo de exploração do negro como força de trabalho barata."

Décio Freitas e o 13 de Maio.

O pesquisador e historiador gaúcho Décio Freitas tem contribuído através de seus livros para desmistificar a historiografia oficial brasileira. Dois depoimentos do professor sobre 13 de Maio, ao semanário "Em Tempo" (de 8 e 14 de maio) e ao mensário Coojornal (nº 28 do mesmo mês) contêm algumas questões altamente discutíveis, quando retrata a história do negro no Brasil.

DIVIDIR PARA REINAR

Por exemplo, a sua análise de classes ignora a superestrutura racista da sociedade escravocrata brasileira. A luta de classes em certos aspectos específicos de nossa história é insuficiente e superficial ao subestimar os mecanismos psico-sociais que integram a dinâmica da sociedade de classes. Na entrevista a *Em Tempo*, Décio Freitas assim se refere ao inconformismo negro: "Nunca, entretanto, puderam organizar uma insurreição geral e isto devido a sua já citada debilidade como classe (...). No regime brasileiro da escravidão os escravos, enquanto apenas escravos, não constituíram uma classe social. Bem entendido, havia uma classe de escravos."

O status de escravo era apenas uma condição jurídica decorrente da propriedade do homem pelo homem como bem móvel; isso dividia a sociedade estamentalmente entre homens livres e escravos (...) Não era senão quando integrava um processo produtivo que o escravo fazia parte de uma classe (...). Segue-se daí, que os escravos que não participavam do processo produtivo não integravam a classe dos escravos (...). Podiam esses escravos desempenhar funções social-

mente úteis ou necessárias, mas eram economicamente improdutivos".

Desta forma, negro e escravos são tratados por Décio Freitas como sinônimos naturais. O correto, seria dizer que nem todos os negros eram tratados e explorados como os escravos do campo e, por isso, não se considerassem tão oprimidos. A classe dominante branca para perpetuar-se no poder, num meio predominantemente negro, fomentou a discriminação entre os próprios negros, através da divisão de trabalho.

INSUBMISSÃO

A insubmissão dos escravos se dava tanto de forma individual quanto coletiva. Mas o historiador não é explícito ao abordar apenas os movimentos coletivos, dizendo que "a solução era o quilombo, a sociedade equalitária à margem da sociedade dominante". Acontece que o isolamento político e ideológico dos escravos não lhes permitia a ilusão de conquistar aliados entre os opressores. E, se toda a sociedade dependia do trabalho escravo, é evidente que os negros não poderiam atacar um suposto fortalecido Estado. Isto porque não havia acordo entre as demais classes descontentes com a tomada do poder. O próprio racismo nunca permitiu que as revoltas ganhassem caráter político.

ABOLIÇÃO OU REVOLUÇÃO BURGUESA?

A revolução burguesa no Brasil se constituía na luta entre facções

dominantes que se preocupavam em não estender seus conflitos ideológicos aos escravos, libertos e a "plebe". Esse compromisso de classe não se fundamenta apenas na "necessidade geral da escravidão", mas também na supremacia sócio-racial branca e na negação tática de partilhar seus ideais liberais de igualdade e liberdade social, econômica e política com negros, mestiços e índios aculturados.

Décio Freitas assim se manifesta quanto ao desfecho da escravidão no Brasil: *Daí, que para os escravos não tenha sido libertária, do mesmo modo que não tenha sido ruinosa para os amos. Pertence ao tipo de revoluções de caráter arcaico. Não criou uma sociedade nova dinâmica (...). No Brasil, estejamos certos, a supressão do escravismo não teria sido possível sem as pressões britânicas.* (Em Tempo)

Existem ainda outras omissões históricas lamentáveis. Primeiro em relação à sociedade industrial que surgiu após o escravagismo. Ela só não foi nova e dinâmica para os escravos negros libertos e seus descendentes miscigenados. Um segundo ponto é a proibição definitiva do tráfico, em 1850, que gerou condições econômicas favoráveis para os fazendeiros de café acumularem capitais, os quais foram investidos nos setores financeiro e comercial, transformando o mesmo fazendeiro em homem de negócios. Depois — num terceiro item — o processo migratório iniciado em 1808 é estimulado de forma paralela à expansão econômica do café na segunda metade do século XIX. É entre os imigrantes europeus que as primeiras fábricas e oficinas vão recrutar os operários, paralelamente ao movimento abolicionista que viam na escravidão um entrave econômico e social às experiências do trabalho assalariado. Portanto, a revolução "gradual e lenta" que introduziu o capitalismo industrial no Brasil, ditada por interesses econômicos internacionais, articulou-se internamente segundo interesses sócio-raciais dominantes.

Assim, com a omissão da secular ideologia da superioridade racial branca, a compreensão da história política do Brasil fica parcial e incompleta e derruba toda a ideologia da democracia racial. E, o professor Décio Freitas, corre o risco de comprometer a seriedade de suas pesquisas, na medida em que tira conclusões apressadas, ou faz vistas grossas à superestrutura racista dos grupos dominantes que se sucederam no poder, nos períodos escravocrata e capitalista. Falar em história do Brasil e não falar em racismo já é uma forma de discriminação e preconceito.

Valter Carneiro





O Político negro defende a raça?

Alceu Collares é um dos raros políticos negros hoje no Congresso Nacional. Deputado Federal desde 1970 pelo MDB, procura sempre levar a Brasília os temas mais identificados com as necessidades da maioria da população brasileira, como o custo de vida, inquilinato e arrocho salarial. Setenta por cento dos votos — como ele próprio admite — vêm da comunidade negra. Tudo isto explica porque o deputado pela segunda vez é o mais votado em todo o Estado. Collares diz que o político negro dificilmente representa os interesses daqueles que o elegeram. E aponta duas razões: primeiro, porque o político negro é reflexo da comunidade que não é reivindicativa. Depois, qualquer parlamentar, seja ele negro ou branco, tem as suas funções aviltadas por causa do regime de exceção.

TIÇÃO: O país não passa por um período que se possa chamar de democrático. Ainda em vista disto, o que representa o político negro hoje no Congresso Nacional, ou mesmo nas outras casas legislativas?

ALCEU: Primeiro vamos falar no que representa a classe política dentro deste momento em que vivemos. Os políticos não representam quase nada. Nós vivemos num regime de dureza. As instituições políticas existem apenas no aspecto formal. Congresso, partidos e classe política depois de 64 para cá existem apenas no papel. Os partidos hoje não influem, não decidem e não formam a vontade nacional. O autoritarismo deste país leva a soma de todos os poderes à mão de um homem só, a ponto de fechar o Congresso e alterar a constituição. Assim, transforma as regras do jogo político para beneficiar determinados segmentos da classe política que são os parla-

mentares da Arena, que, aliás, aqui no Rio Grande do Sul eles não fedem nem cheiram. É difícil constatar um segmento de representação deste Congresso nos moldes em que está. É difícil, seja ele de uma representação social ou racial. . .

TIÇÃO: Na década passada, o deputado Carlos Santos se tornou o primeiro negro a governar o Estado. Como deputado do MDB ele assumiu o cargo e aceitou automaticamente as regras do jogo, como acontece hoje com o governador indicado do Rio de Janeiro, Chagas Freitas. Com este fato, se pode até mesmo afirmar que não existe o preconceito racial. Mesmo com a política desprestigiada, ser governador ainda foi motivo de orgulho e raridade para o negro. Então, que interesses reais o político negro defende? Os da raça dele?

ALCEU: Na verdade, não há representação racial, as pessoas podem chegar a certos lugares como chegou Carlos Santos, Wilson Abreu e outros, mas não vinculados a representação. Eu tenho entre os meus votos 70 ou 80 por cento de votos da comunidade, e, de fato, não há esta representação. Não existe um grupo que falasse em nome da raça com nitidez como segmento social. E o problema de tudo isto principalmente é o econômico e social, com um fundamento racial atrás disto. Nas Assembléias de todo o país eu não vejo representantes da raça,

mas apenas *homens de cor* que não se definem ante os problemas raciais. Há um universo que preocupa a representação de homens como eu e o deputado Carlos Santos, que nos faz esquecer o problema do negro. No caso citado, foi uma concessão, primeiro para o MDB, depois do partido para o deputado Carlos Santos chegar à Assembléia e subir a liderança. Mas não se sabe com clareza o que poderia ter representado isto. A não ser no aspecto formal.

TIÇÃO: Mas é claro, em termos de evolução da própria raça este fato nada significa. . .

ALCEU: Sim, e me parece que a classe política ainda não está preparada para solucionar os grandes problemas sociais e buscar também os problemas da raça para ver o que o preto precisa para a sua ascensão social. Agora, ele precisa ter um tratamento diferente dos outros e des-





pertar deste longo sono letárgico em que se encontra desde a escravidão. Mas de que forma consegue isto? Quem de nós poderia demorar profundamente para estudar o que se passa — por exemplo — com o preto na Bahia. Lá os negros chegam a 60 por cento da população e desenvolvem as atividades mais rudimentares, mais pobres e miseráveis.

TIÇÃO: Mesmo a falsa idéia de ascensão de político negro dentro do Congresso não é bastante para ele colocar na sua agenda as reivindicações da comunidade negra. Quando ele se volta para os problemas da comunidade quase sempre o faz de uma forma populista e demagoga. Realmente, o político negro nunca chega a ser qualquer coisa como um líder negro...

ALCEU: É porque a própria comunidade não está preparada, conscientizada disto. Nós temos no país um número muito grande de negros e nas Assembleias, Câmaras Municipais e Congresso há poucos negros. Certamente nós, políticos negros, somos reflexos da própria comunidade que não é reivindicadora. Agora é verdade que a nós cabe interpretar este campo. Tanto quanto seja possível faço, mas sinto que sou limitado nisto.

TIÇÃO: Teria uma solução em vista para fazer com que a função ou o trabalho do político negro se aproxime mais dos interesses da comunidade?

ALCEU: Inicialmente, tenho toda a minha atividade voltada para os problemas sociais. Acho que a modificação das relações econômicas e a criação de outros tipos de produção possibilitará a ascensão dos povos e aí entram brancos e pretos. Nesta ascensão todos vão tomando consciência dos seus direitos, das suas reivindicações. Não é uma busca de privilégios mas de direitos. Contudo, deveria haver um trabalho diferente, porque os ângulos são diferentes. Ao contrário da classe média ou rica, entre os operários não existe propriamente discriminação, pelo menos nas fábricas. Tem alguns restos de racismo que as criaturas huma-

nas trazem de seus avós, o que não chega a ser decididamente uma maldade, mas sim uma herança que trouxe.

TIÇÃO: Pelo que se falou, o senhor deixa claro que a questão não tem muito a ver com a cor, mas somente com a classe social da pessoa? E a partir do momento em que o negro sobe em camada social o problema começa a aparecer...

ALCEU: É a competição. Isto é natural. Quando ele começa a competir e ocupar espaços aparecem os problemas de forma mais aguda. Você começa a disputar lugares de destaque e as confusões surgem a todo o momento e em qualquer lugar. Nos Estados Unidos — por exemplo — a questão racial fica mais acirrada na medida em que o negro ascende socialmente. Estas questões que estão sendo levantadas são da maior importância não só para a comunidade como para nós, os políticos negros, que estão em atividade hoje. E é exatamente esta oportunidade de saber dos problemas que acompanham a vida de uma pessoa negra que está faltando no Brasil, embora já tenham sido feitas várias tentativas fracassadas. Nós temos contradições quando propomos um trabalho destes, como a conscientização do negro. Sempre se torna difícil formar um conjunto de idéias para discutir uma proposta que aborde soluções ou análises sobre o assunto da questão racial. O individualismo e o personalismo ainda são os germes corroedores de qualquer tipo de atividade...

TIÇÃO: São vários fatores que contribuem para esta desunião, não é? Vem desde...

ALCEU: Só existe união entre poucas pessoas e poucos grupos de negros. Num plano mais geral, os poucos pretos que vão ascendendo na escala social vão se esquecendo das origens e se comportam exatamente como os outros. Também aquele branco que saiu do Mato Sampaio e conseguiu se integrar na classe média não vai mais querer voltar para a sua origem. Ele deixa de ser solidário, mas salve-se quem puder — que, aliás, ainda é resultado incontido da



sociedade capitalista, onde cada um tem que viver como pode. Estes aspectos sociais, políticos, econômicos e jurídicos quase todos eles vão levar a um tipo de relação de produção, porque são estas relações que criam o tipo de instituição e de regime arcaico e de exploração em que vivemos. O capitalismo criou uma democracia burguesa, onde somente os que pertencem a classes mais abastadas têm *direitos democráticos* e participam da riqueza do país. Tudo isto foi criado na defesa dos seus interesses e privilégios...

TIÇÃO: Pelo menos hoje, o mundo já pode registrar a revolta das maiorias exploradas...

ALCEU: É claro que hoje o mundo se levanta contra isto, e somos testemunhas privilegiadas desta grande fase de transição, em que as maiorias começam a despertar para os seus direitos. Isto acontece na África, Ásia e América, não aceitando a dominação das minorias. Com isto todos os segmentos sociais vão se beneficiar, seja ele branco ou preto. Mas deve ficar entendida uma coisa: a situação do negro é ligeiramente diferente da situação dos outros segmentos sociais, e mesmo assim não há nitidez de consciência a respeito do problema.

TIÇÃO: Sim, o senhor fala que a situação do negro é um pouco diferente e ao mesmo tempo diz que na classe trabalhadora não há problemas de racismo. O que acontece no Sindicato dos Metalúrgicos — com dois clubes separados: o dos brancos e dos negros — mostra que mesmo entre os trabalhadores pinta o racismo, o que reafirma que o problema do negro vai mais adiante...

ALCEU: Isto é absurdo. Eu disse pro Mesquita, que foi um dos grandes líderes do sindicalismo: "Mas o que é que está havendo?" E ele falou: "Não fui eu que fiz, foram os próprios rapazes que forjaram a situação". Eles não estavam se sentindo bem lá dentro. Mas acontece que não tem explicação para haver num mesmo clube operário uma repartição negros e brancos.

TIÇÃO: É reflexo da situação geral...



ALCEU: Possivelmente eles tivessem sentido algum aspecto do problema que justificasse.

TIÇÃO: Poderia ser também uma forma de tomada de consciência por parte dos negros e de fortalecimento do seu meio. Mas na verdade tudo isto desmente aquilo de dizer que a questão é somente de classe, porque justamente no lugar onde eles deveriam lutar por melhores salários e condições de vida, existe a discriminação, não é?

ALCEU: Talvez eles estivessem pensando que nunca poderiam chegar à diretoria do antigo clube, talvez eles estivessem querendo preservar os próprios costumes que são diferentes dos outros. Se vê isto no gesto, nos hábitos, no tipo de relacionamento onde há diferenças, embora não visíveis ou ostensivas. O preto vai querer o seu samba, suas raízes, suas bases, possivelmente o problema do metalúrgico teria sido este, mas não posso afirmar. Me pareceu uma contradição, a atitude do negro metalúrgico. Mas tudo isto é resultado de um sistema que só pensa na competição. Este mesmo problema social não teria o mesmo resultado num sistema socialista, onde de maneira alguma pode haver privilégio de classe ou diferença racial.

TIÇÃO: O senhor está colocando o socialismo como proposta?

ALCEU: Pelo menos é da ciência do socialismo que vem a tentativa de implantar a igualdade social e racial. Até lá ainda vamos levar muitas décadas — até mesmo para compreender o que seja socialismo. Mesmo assim, o caminho do socialismo aqui entre nós está surgindo ao natural a cada momento que passa. Hoje no Brasil metade da economia é estatizada. Então, o que chamamos de propriedade do Estado é na verdade propriedade social, isto é, coletiva. O processo de socialização no Brasil se dá inconscientemente, com uma deturpação: os resultados coletivos são apropriados pelas empresas do Estado que investem o dinheiro em consumo para a minoria. Isto são coisas do Brasil de agora, principalmente.

TIÇÃO: E agora, qual é a situação política do país em termos gerais, depois da indicação de governadores, senadores e presidente — embora neste tipo de eleição até a oposição entre?

ALCEU: Ninguém sabe o que vai acontecer amanhã. Se o Congresso fecha ou não. Tudo fica à disposição do senhor presidente. No Brasil não houve uma revolução e sim uma contra-revolução. Num dado momento alguns segmentos sociais da classe política pregava as reformas de base, então surgiu uma conscientização popular nesse sentido. Alguma coisa precisava ser mudada. E isto era em 64. As propostas de soluções eram um tanto caóticas e os partidos não tinham — e não têm as chamadas soluções para dar as reformas de base à maioria da população. Com tudo isto, a classe dominante se assustou e nasceu do susto e contra-revolução, num retrocesso muito grande. Os militares subiram ao poder sem idéia de política, e se entregaram de corpo e alma aos tecnocratas, que — por sua vez — deram seguimento à exploração violenta no campo econômico, e à estrutura de concentração de renda e riquezas nas mãos de poucos. Tudo em nome de um desenvolvimento que só é possível na cabeça deles. E o preço social é este: a mortalidade infantil sobe a cada dia; o índice de criminalidade é um dos maiores do mundo; os salários são de fome; o ensino e a Universidade não levam a nada e ainda por cima inventam uma tal de democracia racial — que não pode existir num dos países mais racistas do mundo.

TIÇÃO: E então onde é que entra o político negro nesta jogada?

ALCEU: Acho que é dever dele co-



mo segmento mais sofrido te interpretação destas angústias. Estar em dia pelo menos com própria consciência. . .

TIÇÃO: Mas péra aí: mesmo estrutura burguesa que elege deputado ou senador negro se justamente na exploração do que é quase a totalidade dos negros? Mesmo que o fato do negro político (parlamentar) implique ele abra mão da cor da sua até mesmo das reivindicações comunitárias?

ALCEU: Há na verdade um de enfrentar o problema. E ele precisa ser enfrentado. 13 de maio, fiz um discurso para os Deputados neste sábado. Achei que há enfoques de raca-ção racial que ainda não estão esclarecidos. Eu talvez esteja errado no momento em que me ocu- cupe com as classes trabalhadoras em geral. Acontece que deve haver uma distinção para a situação do negro, porque esta é muito diferente.

TIÇÃO: Salário é uma questão de todo mundo, também do negro, mas há a cor da pele — não é simplesmente — mas pela questão política que esta cor carrega e

ALCEU: Carrega toda a carga de nossa história.



Dr. FULANO de TAL.

*Quem não sonha em ser doutor?
Se você não sonha, alguém sonha por você.*

Meu filho é engenheiro e ganha um dinheirão.

*A toga, a beca e o canudo de formatura
na mão. Esta cena merece um quadro.
Do riso ou da dor?
Será que é importante ser doutor?
Os doutores são felizes? São honestos?
São bons pais, bons maridos, bons amigos?*



É claro que a gente deve preparar-se para enfrentar o mundo que nos cerca.

*É claro que vale a pena a realização profissional, o sucesso pessoal;
mas será que isto se aprende na Universidade?*

Será que basta ser doutor?

*E quem quer ser poeta, que Faculdade vai fazer? E o pescador,
o plantador de árvores ou o simples sonhador?*

Quem vai ensinar esta gente a ser feliz?



Todos os anos recomeça a guerra do vestibular para milhares de jovens.

Nós ajudamos a prepará-los para enfrentá-la e vencê-la.

Alguns vão passar, muitos vão rodar. Esta é a realidade do nosso sistema educacional.

Nessa hora, nós do Unificado achamos que vale a pena emitir algumas opiniões sobre o momento em que você, vestibulando, se encontra.

1 Ninguém é muito mais inteligente do que você. Nem muito menos.

2 Seja sempre você mesmo. Se você não se classificar, a culpa será sua, mas se você passar, o mérito será de todos.

3 Ninguém será melhor por ter passado ou pior por ter rodado. Estes fatos são consequência de uma situação global e não causas de uma avaliação pessoal.

4 O fundamental é você ter objetivos definidos, não importa quais sejam, desde que eles representem a sua felicidade.

*Com estes princípios,
você será bem sucedido,
seja qual for o resultado do
vestibular.*

*Nós confiamos em você
porque sabemos que
você fez o melhor.*

Felicidades.

unificado
UN

nsagem aos nossos futuros profissionais.

Lima Barreto:

A arte de se antecipar

LIMA BARRETO — 1881/1922

Francisco Assis Barbosa ao editar a 20a edição de "O triste fim de Policarpo Quaresma" não deixava por menos: "Lima Barreto foi o iniciador de romance engajado, participante ou comprometido no Brasil". O editor considerava a obra de Lima Barreto "poderoso requisito em favor da dignificação de ser humano, inextinguível grito de ódio contra os exploradores dos seus semelhantes".

Assis Barbosa não poupava elogios, mas não se pode culpá-lo por excessos. "Sua existência foi luta constante contra a discriminação e o preconceito, dois traços característicos dos sistemas sociais fundamentados na exploração do homem pelo homem". Barbosa é editor de pelo menos um dos quase trinta livros de Afonso Henriques de Lima Barreto, escritor, jornalista e funcionário público.

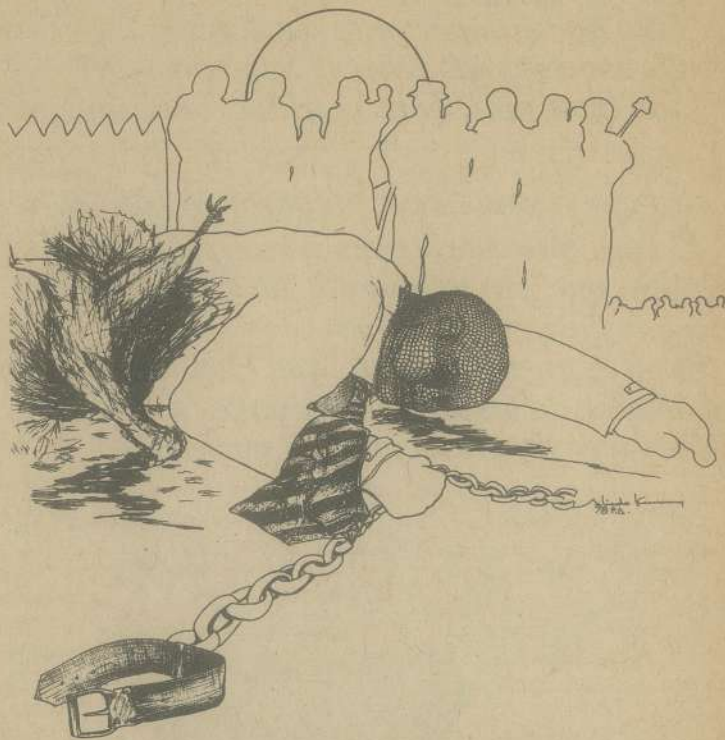
Se for levada em consideração a questão de estilo, certamente aqueles que só esperam formalismos reclamarão: Lima Barreto, antes de se enquadrar em escolas literárias, prestou depoimento sobre uma época da história do Brasil, com a lucidez e a sensibilidade de quem por duas vezes esteve internado em hospício por alcoolismo. Sua obra, que tem como expoentes "O Triste Fim de Policarpo Quaresma", "Clara dos Anjos", "Memórias do Escrivão Isaías Caminha" e "País dos Bruzundungas", foi escrita durante as primeiras décadas do século, entre os 20 e 30 anos.

Nem negro, nem branco, morador dos subúrbios cariocas, Lima Barreto estudou o que normalmente um descendente de negros não estudava. Deixou a Escola Politécnica para trabalhar no Ministério da Guerra e, além disso, foi jornalista. "O contraste entre esta vida e uma obra que figura entre as mais admiráveis da nossa literatura de ficção não é de natureza a estimular a boa e justa medida nos julgamentos críticos".

Quem afirma isso é Sérgio Buarque de Hollanda, para desmentir análises equivocadas que se utilizam dos mesmos critérios para comparar sua obra com a de Machado de Assis, cuja perfeição estilística escondeu o mulato gago e epilético, protegido pelo liberalismo do fim do século.

Lima Barreto nasceu a 13 de maio de 1881. Exatamente sete anos depois morre sua mãe e vem a Abolição. Coincidências como esta vão acontecer pelo menos mais duas vezes na vida do autor. Na República, o pai perde o emprego arrumado na Imprensa Oficial pelo Visconde de Ouro Preto; na hora da morte, Barreto se antecipa deixando sua obra como influência para a grande revolução nas artes bra-

sileiras que Oswald e Mário de Andrade principalmente promovem em São Paulo — a Semana da Arte Moderna. Em 1922, quando os Andrade começavam a descrever a realidade brasileira através de sua própria linguagem, sem os modismos europeus, Lima Barreto morre louco, depois de uma vida de extrema lucidez passada boa parte dentro de hospícios.



O caçador doméstico

(pequeno conto, editado em 1920, no livro Histórias e sonhos)

O Simões era descendente de uma famosa família dos Feitais, do Estado do Rio, de que o 13 de Maio arrebatou mais de mil escravos.

Uma verdadeira fortuna, porque escravo, naquelas épocas apesar da agitação abolicionista, era mercadoria valorizada. Valia bem um conto de réis a cabeça, portanto os tais de Feitais perderam cerca ou mais de mil contos.

De resto, era mercadoria que não precisava muitos cuidados. Antes da lei de ventre livre, a sua multiplicação ficava aos cuidados das senhoras e depois... também.

Esses Feitais eram célebres pelo sadio tratamento de gado de engorda que davam aos seus escravos e

também pela sua teimosia escravagista.

Se não eram requintadamente cruéis para com os seus cativos, tinham, em posição, um horror extraordinário à carta de alforria. Não davam uma, fosse por que pretexto fosse.

Conta-se até que o velho Feital, tendo um escravo mais claro, que mostrava aptidões para os estudos, dera-lhe professores e que o matriculara na Faculdade de Medicina.

Quando o rapaz ia terminar o curso, retira-o dela, trouxera-o para a fazenda, da qual o fizera médico, mas nunca lhe dera carta de liberdade, embora o tratasse como homem

livre e o fizesse tratar assim por todos.

Simões vinha dessa gente, que empobrecera de uma hora para outra.

Muito tapado, não soubera aproveitar as relações de família, para formar-se em qualquer coisa e arranjar bons sinecuras, entre as quais a de deputado, para o qual estava a calhar, pois de família do partido escravagista-conservador, tinha o mais lindo estofo para ser um republicano do mais puro quilate brasileiro.

Fez-se burocrata; e, logo que os vencimentos deram para a coisa, casou com uma Magalhães Borromeu, de Santa Maria Magdalena, cuja família também se havia arruinado com a abolição.

Na repartição, o Simões não se fez de trouxa. Aproveitou as relações e amizades de família, para promoções, preterindo toda a gente.

Quando chegou aí por chefe de seção, lembrou-se que descendia de gente de lavoura e mudou-se para os subúrbios, onde teria alguma idéia da roça, onde nascera.

Os restos de matas que há por aquelas paragens, deram-lhe lembranças saudosas da sua mocidade na fazenda de seus tios. Lembrou-se que caçava; lembrou-se da sua matilha para caitetus e pacas; e deu em criar cachorros que adestrava para caça, como se tivesse que fazer alguma.

Como havia de empregar a sua gloriosa matilha? A sua perversidade inata acudiu-lhe logo um alvitre: caçar os frangos e outros galináceos da vizinhança que fortuitamente, lhe iam ter no quintal.

Era ver o frango de qualquer vizinho, imediatamente estrumava a cachorrada que esotraçalhava em três tempos o bichareco.

Os vizinhos acostumados com os sacatos moradores antigos, estranhavam a maldade de semelhante imbecil, que se fazia mudo às reclamações da pobre gente que lhe morava em torno.

Cansados com as proezas do cão-escravidor doméstico de frangos e patos resolveram por termo a elas. Trataram de malassombrar a casa. Contrataram um moleque jeitoso que se metia no forro da casa, à noite, e lá deflorria, através correntes.

Simões lembrou-se dos escravos e seus parentes Feitais e teve receios. Um dia, assustou-se tanto que correu espavorido para o quintal, alta noite, em trajes menores, que o medo o falar transtornou. Os seus parentes Medeiros não o conheceram e o terminaram no estado em que punham a caçar os incautos frangos da vizinhança: zera a matilha e esotraçalharam-no.

Tal foi o fim de um dos últimos representantes dos poderosos Feitais da Barra Mansa.

lama



LAMA BAIANA

▲ A Bahia não é só encanto: a perseguição policial aos terreiros de candomblé aumenta de ano para ano. Para assegurar a "ordem", recentemente foi proibido o uso do principal atabaque que é o rumpi, sobrando apenas o rum e o lé, de tamanhos menores. A justificativa é de que o ritual perturba o sossego imaculado dos vizinhos. Tudo faz lembrar uma outra velha perseguição policial, quando os negros se comunicavam de uma zona a outra em Salvador, através dos atabaques, exatamente para fugir do cerco policial. E para completar, a Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro só mete a mão no assunto na hora de cobrar altos impostos dos terreiros e ditar normas.

Não é difícil ter idéia do quanto estas proibições afetam a estrutura da liturgia religiosa. E apesar de tudo, o candomblé — travestido de folclore — enche os cofres do governo baiano durante todo o ano, através do turismo. Por isso mesmo, o governo do Estado baixou uma lei oficializando a religião, logicamente, antes das eleições.



Difícil entender. Mas se o Brasil é a maior população negra fora da África, por que a falta de solidariedade? Tá certo, o ministro das Relações Exteriores, Azeredo da Silveira, diz que existem apenas interesses e não ideologia nas relações internacionais. Agora, trazer 30 jovens da Guiné Bissau para fazer curso de garçom no SENAC é dose. E foi isto que aconteceu. Realmente, será uma questão de negócios internacionais ou apenas mais uma manifestação desse sentimento que o branco vem tendo pelo negro no

país? Talvez os bolsistas da Guiné Bissau aproveitassem muito mais se recebessem outro tipo de curso que pudesse auxiliá-los na construção da independência do seu país, recentemente obtida.



▲ Árvores de valor sagrado para o candomblé estão sendo sacrificadas em Salvador. É claro que os sacrifícios não são para os santos, mas em nome do plano diretor da cidade e da especulação imobiliária. Para os leitores de Jorge Amado e dos folhetos turísticos estes fatos devem representar uma bela surpresa. Muito mais para quem sabe que Salvador é uma cidade de maioria negra.



"Assim como o Senegal, o Brasil aspira a luta por um mundo em que os homens não sejam discriminados em razão de sua cor, de sua raça, de seu nível de desenvolvimento econômico, de suas legítimas convicções religiosas, filosóficas ou políticas". Palavras do presidente do Brasil general Ernesto Geisel ao presidente do Senegal, poeta Leopold Senghor.



LAMA NO CONGRESSO

▲ Estava quase tudo pronto para o I Congresso de Sociedade dos Negros, promoção do Floresta Aurora: convites distribuídos em todo o Estado e uma programação que ia



desde a missa na catedral de Porto Alegre, passava por um passeio turístico na cidade e encerrava num discurso solene do vice-governador eleito pelo voto indireto.

Até o momento em que a direção do clube resolveu voltar atrás e transferir o encontro por prazo indeterminado. A justificativa do presidente Antonio Carlos Côrtes variou entre a falta de verbas e a alegação de que havia "despreparo" nos trabalhos e teses elaborados pelas sociedades participantes do interior.

Bem, a falta de dinheiro é bastante possível. Pois até mesmo com a ajuda financeira do Governo estadual e de uma empresa de poupança não seria muito fácil pagar estadia de sete dias para representantes de quase 200 entidades, em meio a uma programação que tem incluído missa, coquetel, passeio turístico, sessão de cinema, etc.

Quanto ao "despreparo", a discussão em cima do tema principal do Congresso "Estrutura Ideal para uma Sociedade Negra, no Momento Atual", parece ser coisa urgente. Principalmente quando campanhas frustradas como a adoção de crianças negras estão surgindo por aí, a começar pelo próprio Floresta.

Mas a justificativa principal, o presidente Côrtes esqueceu de dar aos jornais: o envolvimento que a sociedade teve na morte do associado Saul Costa Carvalho, tomou todo o tempo dos diretores do Floresta, preocupados em negar a público a vinculação do acontecimento com o baile do clube. E, enquanto a morte de Saul era esquecida, o Congresso estava chegando, até que foi adiado.

Em todo o caso, o clube da Rua Curupaiti ainda fala em trabalhar diretamente com as sociedades negras do interior, como preparação para um futuro Congresso. E pretendia lançar uma tese propondo a criação de uma Fundação Nacional do Negro.

A pretensão é pomposa, chamativa. Mas não passa de outra campanha do Floresta.



...SÓ QUE
EU FUI EMANCIPADO
HÁ MUITO MAIS
TEMPO!



Está surgindo uma nova abolição. Desta vez é com os índios. Trata-se do projeto de emancipação do índio, que já está em apreciação no Congresso Nacional. A nossa história agora — pelo jeito — ficará menos culpada: depois da farsa assinada em 1888 pela princesa Izabel,

quando os negros foram jogados nas ruas sem saber o que fazem, mesmo deverá acontecer com os índios, expulsos de suas reservas, ticamente. O último que assinou tal projeto de emancipação se chama Princesa Izabel.



▲ Aconteceu na Pretória, capital racista da África do Sul. O branco Hermanus Lown mandou o seu empregado negro John Mokvena comprar cigarros. Por engano, o negro trouxe o cigarro errado. Resultado: o branco golpeou Mokvena até a morte. O juiz deu a sentença: 50 dias de prisão ou 115 dólares de multa. Hermanus preferiu pagar a multa e ainda saiu dizendo que teria golpeado muito mais se o negro não tivesse morrido antes. Enquanto isto, o magistrado justificava a sentença: "Nenhuma pessoa razoável poderia prever que o golpe aplicado pelo branco haveria de provocar a morte do negro".



Quando a seleção de futebol de Gana veio ao Brasil, Pelé já estava no Cosmos e, na falta de outro craque, a CBD prontamente indicou Esquerdinha e Cachoeira para orien-

tar o estágio de três meses dos canos. A seleção que deixou o Brasil impressionada com a cordialidade de do nosso povo, não foi muito feliz na Copa das Nações Africanas. Afinal, quem acabou na Copa do Mundo da Argentina foi a Tunísia. Mesmo não vindo ao estágio brasileiro, os tunisianos empataram com a Alemanha, campeões de 74.



▲ Que os morenos não fiquem mostrando. Esta deve ser a orientação das lojas comerciais de Porto Alegre para empregar os negros: são confinados aos almoxarifados da vida. A discriminação racial denunciada antes das eleições de novembro pelo SINE. O Sistema Nacional de Emprego é órgão vinculado à Secretaria do Trabalho. Ação Social aliás, bastante empenhada na eleição do seu então ex-senador. Em todo o caso, está acusação: muitas empresas se recusam a empregar gente negra em cargos de recepcionista, dentista, secretária, vendedora. Embora o presidente do Departamento do governo diga que é impossível comprovar o envolvimento do crime de racismo nesses casos.

mulamba

Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado, de Abdias do Nascimento, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra - 1978 - R\$ 100,00 - É basicamente o ensaio de Abdias para o Festival de Arte Negra da Nigéria - FESTAC - de 1977. O trabalho foi rejeitado por motivos não esclarecidos devidamente. O autor recebeu amplo apoio da imprensa nigeriana e de outros países, mas nada disso ajudou para que sua conferência pública fosse realizada. Entretanto, o documento acabou publicado pela Universidade de Ifé e distribuído aos ras, participantes em cópia mimeografada. A proibição a Abdias seguramente se vincula ao fato de que no texto é revelada a realidade das relações raciais no Brasil.

Abdias desmascara a propalada democracia racial brasileira e mostra as estratégias das classes dominantes para o extermínio físico e cultural do negro, entre elas a marginalização social, a miscigenação e a bastardização da arte, da religião e da cultura afro-brasileira em geral.

Respondendo-se exatamente ao comportamento racista de cientistas e esportistas como Nina Rodrigues, Gilberto Freire e Jorge Amado e outros, vários mitos são desmontados pelo lutador negro: o da inferioridade africana, o da escravidão praticada pelos negros na própria África, e a influência humanizadora da Igreja do africano livre no Brasil escravista, ou o mito bem atual da mulher prostituída dentro do esquema de exploração sexual da mulher.

O Brasil foi representado no FESTAC por delegados brancos e negros-de-alma branca. Os próprios delegados brasileiros desautorizam as manifestações de Abdias no cenário, argumentando não ser o quilombo de 64 anos um representante oficial. Mas, pela República, os Palmares, Abdias conseguiu participar fazendo muitas colocações tendo uma proposição aprovada. No prólogo de *O Genocídio do Negro Brasileiro*, Abdias conta esta história, fazendo acréscimos ao original.

Nascido no ano de 1914 em Ilhéus, Bahia, São Paulo, Abdias já escreveu: *Dramas para Negros* e *Prólogo aos Brancos* (antologia de teatro) e *Negro Revoltado*, além de um documento incluído num livro de exilados, e outros trabalhos publicados no Brasil e na Nigéria, ou então nos Estados Unidos, onde atualmente é Professor, desde 1968, quando



viajou em auto-exílio, embora já considerasse que como negro tivesse nascido exilado. Participou ativamente da experiência do Teatro Experimental do Negro, de 1944 a 1968. E hoje também é pintor com temática na religião dos orixás.

JORNEGRO é órgão oficial da FEABESP - Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo, e três números deles já chegaram à nossa redação. Escolas de Samba, Favelas, Harlem, Mulher Negra, Soul foram alguns dos assuntos abordados. Diretor responsável: Odacir de Mattos. Pedidos de assinatura do *Jornegro* podem ser dirigidos à FEABESP, Caixa Postal 13.320 - CEP 01000 - São Paulo, SP. O preço para 12 números é 60 cruzeiros.

ABERTURA é outro jornal negro que está surgindo em São Paulo, tendo como diretores o escritor e jornalista Oswaldo de Camargo (responsável), Antônio Carlos dos Santos, Sílvio Rodrigues Filho e Diva Gonçalves dos Santos. O número zero já circulou com foto de capa do fotógrafo uruguaio Mario Espinosa, radicado lá. Para assinaturas, pode ser enviado nome, endereço e cheque nominal (a favor de *Egide Editora Ltda.*) para rua Onze de Junho nº 92, Americanópolis, CEP 04333, SP. Para seis meses, 48 cruzeiros e para 12 meses, 90 cruzeiros.

□ Dia 16 de novembro marcou o samba carioca com a morte do compositor Antonio Candeia Filho, mais conhecido como *Candeia*. Autor de "*Dia da Graça*", "*Rosa de Ouro*", "*O Mar Serenou*", Candeia morreu aos 43 anos de uma crise renal-hepática no Rio de Janeiro. Parceiro de Paulinho da Viola, afastado da Escola de Samba Portela, Candeia mais do que um compositor deve ser lembrado como fundador do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo. Este Grêmio surgiu em dezembro de 1975 no subúrbio de Coelho Neto, quando Candeia abandonava a Portela, depois de ajudá-la a ganhar dois carnavais, o de 1953 e 1957. Quilombo é um projeto ainda não muito definido, mas com um princípio favorável à volta do samba às suas origens. Para Candeia o Grêmio Recreativo representava o retorno do sambista às quadras, a concentração da comunidade negra e a ausência do samba nas avenidas iluminadas. Esta era a principal norma para Antonio Carlos Candeia, ex-investigador de polícia e paraplético há onze anos. Resta agora saber se seus seguidores permanecerão imunes aos apelos comerciais do carnaval oficial. Afinal, desde a sua fundação o Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo não conseguiu juntar, ainda, dinheiro suficiente para construir uma quadra. E Candeia morreu sem ver como nós, seu disco "AXÉ" nas lojas.

○ Ligue-se na literatura negra: estão aí os "*Poemas da Carapinha*", de Cuti, cheios de força, com capa de Ubirajara Mota e com uma bela solução de formato num volume pequeno e simpático. Editado pelo autor em São Paulo, com apresentação de Odacir Matos.

□ A **DESCOBERTA DO FRIO** é o novo livro de ficção do escritor negro Oswaldo de Camargo, paulista, poeta de *Um Homem Tenta Ser Anjo* e *15 Poemas Negros* e contista de *O Carro do Êxito*, livro que ele autografou em Porto Alegre no ano passado. A **DESCOBERTA DO FRIO** é uma novela, fato que demonstra a versatilidade de Oswaldo em matéria de gênero, ao mesmo tempo fazendo supor um caminho para o romance.

○ A Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo

— FEABESP — promoveu em 25 de novembro o 19^o FECONZU (Festival Comunitário Negro Zumbi), em Araraquara. Esporte, dança, teatro, cinema, música e poesia integraram a promoção que se desdobrou ao longo de todo o dia e noite. O festival teve a participação das seguintes entidades: Associação de Capoeira Senzala, Camiranga, Centro Comunitário Cultural e Artístico Vissungo — CECAV, Centro de Cultura Afro Brasileira Congada, Centro de Cultura e Arte Negra — CECAN, Centro de Estudos Culturais Afro-Brasileiros Zumbi, Centro Social Cultural R.B. José do Patrocínio, Chico Rei Clube, Grupo Coral e Artístico Origerança, Grupo de Divulgação de Arte e Cultura Negra — GANA e Sociedade Beneficente e Recreativa Estrela d'Oriente. Outra promoção, agora com o timbre do Jornegro, órgão de divulgação da FEABESP, foi a Noite de Cultura Negra de 2 de dezembro, homenagem pública aos criadores de cultura negra, entre os quais a cozinheira Lindaura, o babalorixá Iarajá e o poeta Solano Trindade, falecido alguns anos atrás.

AFRO-LATINO-AMÉRICA é o combativo jornal negro publicado como secção do jornal *Versus* e que decidiu, após um ano de existência, circular independentemente. Entre as matérias de seus últimos números destacam-se as que abordam a manifestação do Viaduto do Chá, em São Paulo, e a situação difícil por que passa o povoado negro de Cafundó (SP), lugar que é um verdadeiro quilombo. Seus habitantes, que falam língua própria (o quimbundo), vêm sendo ameaçados de perder o restante de suas terras para o fazendeiro Fouad Elias Marum. Parte delas já foram perdidas e agora tramita na justiça um processo para definir a posse do que resta.

Enquanto a ação não se decide, a terra não está sendo cultivada, ficando seriamente ameaçada a sobrevivência do grupo, situação agravada pelo fato de que um capanga de Fouad Elias Marum foi morto por moradores do Cafundó quando pretendia, à força, construir uma cerca por dentro do povoado. Noticiou Afro-Latino-América que Cafundó está recebendo assistência de uma associação beneficente, da pre-

feitura de Salto de Pirapora e do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, fundado há pouco na capital paulista.

EBULIÇÃO DA ESCRIVATURA, de Treze Poetas Impossíveis, como se dizem: Gil Sevalho, Salgado Maranhão, Tetê Catalão, Louis Carlos Mello, Mário Athayde, Jorge Claudir, Antônio Caos, Narciso Lobo, Cynthia Dorneles, Éle Semog, Paulo Valente, Joba Tridente e Sérgio Varela. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. Distribuído em Porto Alegre por Riograndelê S.A., Riachuelo, 838, apto. 2. Éle Semog, um dos treze nessa obra de muito bom nível, é um jovem poeta negro do Rio de Janeiro que há pouco esteve aqui no sul. Deixemos que ele fale por si e a seu modo, contando que um homem *Morreu entre os trilhos . . . / Morreu a caminho do pão . . . / Morreu de promessas . . . / Morreu de loteria / Morreu de futebol / Morreu de show grátis / Morreu de emoção . . .* Ou que ele registre este papo característico: *Me desculpe, doutor / Mas o senhor é branco / Há mais de trinta anos / E não é justo / Que de repente, / Simplesmente de repente, / O senhor afirme / Que crioulos não têm problemas . . .* O poeta, consciente de um passado aviltante e engajado no presente de seu povo, nutre esperanças: *A dor de um / NEGRO / Plantou a cana / Plantou o algodão / Pintou-se a miséria. (. . .) A dor de um / NEGRO / Não é tão imensa / Não é tão profunda / Não é tão infinda / . . . / Que não tenha um fim.*

Benjy Komolafe e Ornato José da Silva publicam **A LINGUAGEM CORRETA DOS ORISA** (orixás, aportuguesando), livro lançado no Rio em solenidade realizada dia 13 de dezembro e que constou de palestras, apresentações artísticas e religiosas, participação do embaixador da Nigéria e grupo daquele país.



PAU BRASIL

No samba bem marcado da Escola de Samba Acadêmicos da Orgia nasceu o conjunto "Pau Brasil". Integrado por Bedeu, Cy, Leleco, Léco, Alexandre e Luiz, há cinco anos este grupo vem surpreendendo a cidade de Porto Alegre. Raro em apresentações, mas rico em ritmo, mistura samba-afro com rock.

Há três anos atrás o "Pau Brasil" viajou. Depois de um rápido estágio pelos bares noturnos de São Paulo e alguns shows com Luiz Wagne e Franco, os rapazes voltaram a Porto Alegre com a idéia de um disco na cabeça.

A segunda viagem aconteceu no ano passado. Os instrumentos, dezoito composições da dupla Bedeu Alexandre e a firma intenção: gravar um disco. "O SAMBA E SUAS ORIGENS" está aí apesar da indiferença porto-alegrense.

A venda de cinco mil cópias no mundo do disco não é significativa porém foi alcançada pelo PAU BRASIL. Só em São Paulo. Para o resto do país, a gravadora BEVERLY não trabalhou o lançamento comercialmente, e, seus brindes às emissoras de rádio foram pouco utilizados. De rádios de Porto Alegre, apenas duas tocaram as músicas "Passa a bola Maromba" e "Grama Verde", as mais fortes do disco.

Mas não será isto que abalará a criatividade do samba de guitarra baixo, timba, pandeiro, tumbador e contra-baixo forjado numa garagem que fica ao lado da quadra de escola de samba em que todos foram criados. Tampouco a indiferença com que se recebeu na cidade gravação de um disco deles se repetirá com grupos de menor qualidade que recebem publicidade diariamente na cidade.

ARTAS

OTO DE LOUVOR

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em sessão plenária de 12.4.78, votou de louvor pelo lançamento de **TIÇÃO**, por requerimento do deputado Fernando do Can-

al, afirmativa, o requerimento foi aprovado. Muito antes de ser suprimida a questão racial brasileira, a segregação dos descendentes de africanos, foi literalmente camuflado pelo falso mito da integração

racista, cita manifestações racistas no Estado, com Alde Castro, em Esteio, com o CTG de Santiago, com Lupiscínio Rodri-cheria Olé, na Rua da Porto Alegre, anos atrás. e o requerimento: "O negro, por si só ludibriado, na totalidade, pelo falso mito da democracia racial, mais as democracias relativas se enfrenta, desconhecendo deste problema, re- via escapista da sátira e para encobrir sua perple- te uma situação divisio- tende a agravar-se.

ento parabeniza o apa- la revista "como forma luta de um povo cujas fundem-se com as pró- da nacionalidade e estações estão no âmago brasileira".

o datada de 13.4.78, o tório Trez, comunica do voto de louvor, in- ue também se associam n o Presidente e demais a Mesa Diretora da As-

APLAUSOS

mos a oportunidade r, apoiar tão feliz e camento, pois temos a iatividade do samb- aixo, timba, pandei- contra-baixo forja- es dela serão trazidos à debate sadio, sério, problemática do negro, am criados. Tampou- ua promoção, integra- ção com que se rece- das aspirando através tirá com grupos de me- ceber e proporcionar equânime. Pedro A. te na cidade. Antônio A. da Rosa / tural Beneficente Rui noas, RS.

VENEZUELA

de fato é um bom uma comunidade ávi-

da por conhecer seus problemas e as possíveis saídas para o impasse, se possível, os números que serão publicados". Valério Barbosa - Caracas - Venezuela.

NA EUROPA

Recebemos através de um amigo brasileiro aqui em Madrid o primeiro exemplar do **TIÇÃO**, o que nos deixou surpresos não só pela iniciativa, mas também pelo conteúdo. É um trabalho de muita coragem e desprendimento. Só esperamos que uma publicação desse gênero possa ser aceita e vista pelos leitores como um veículo de alerta e verdadeira valorização humana e cultural do negro na sociedade brasileira. E não como mais um instrumento segregacionista. Ivan e Stela Maris Gomes/ Madrid - Espanha.

EM SÃO PAULO

Escrevo agora para cumprimentar toda a equipe de **TIÇÃO** pela seriedade do trabalho e o encaminhamento dado à proposta. Me comprometo a encaminhar a vocês informes, críticas e as sugestões que conseguir em São Paulo. Oswaldo Aguiar Filho/São Paulo.

BAHIA

Aqui em Salvador eu e outras pessoas negras começamos a formar um grupo que tentará aglutinar todas as pessoas interessadas na problemática do negro brasileiro, e depois partir para uma prática de trabalho em todos os níveis possíveis. Sendo assim, estamos interessados não só em divulgar e manter um contato com o grupo que dirige a referida revista. Luiz Orlando da Silva/Salvador, BA.

As boas referências sobre a revista **TIÇÃO** me causaram interesse por esta publicação. Carlos Antonio Borges/Salvador, BA.

RACISTAS, NÓS?

Sou negra e também jornalista; talvez por isso compreenda bem o seu propósito, e apesar de sermos taxados de racistas a todo momento por querermos defender e conservar pelo menos alguma coisa nossa, acho que muita coisa precisa ser feita, e já é tempo de começarmos a trabalhar. Jandira F. Lima/Rio de Janeiro, RJ.

É assim mesmo, Jandira. Seremos acusados de racistas toda a vez



que não quisermos nos conformar em simplesmente ficar recebendo tapinhas nas costas e manifestações paternalistas. Elas são destinadas a impedir qualquer passo nosso em direção a uma maior conscientização da população negra no que diz respeito a seus próprios problemas.

CADÊ JOÃO CÂNDIDO

Na reportagem "O negro no Rio Grande" notei que não há uma só referência ao marinheiro João Cândido, negrinho do pastoreio nascido em Rio Pardo e que, em 1910, como marinheiro, revoltou a esquadra brasileira para acabar com a chibata na Marinha. Edmar Morel/Rio de Janeiro, RJ.

TIÇÃO neste segundo número preenche a lacuna deixada no primeiro, publicando matéria sobre João Cândido e a Revolta da Chibata.

QUILOMBO

Sou jornalista e relações públicas do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo. O nosso Quilombo conta com as mais ferrenhas críticas, muitas a favor e muitas contra. O que quero, no entanto ressaltar, é que o Quilombo não é apenas mais uma Escola de Samba. É um reduto onde se pode encontrar grupos, formados por moradores do local, de maracatu, lundu, jongo, capoeira, afoxê, que se acrescentam nas nossas festas apenas pelo prazer da dança e da união em torno das nossas coisas. Dulce Alves/Rio de Janeiro, RJ.

As boas críticas sempre são alvo de críticas. Mas não importa, não é Dulce? Quilombo está sendo liderada por gente que acredita no trabalho baseado na cultura negra. E aí está a sua força. Tomara que um dia,

CARTAS

TIÇÃO procura manter algum espaço para você dizer o que pensa e ouvir o que não quer. A seção de cartas continua à disposição. Elas podem ser enviadas para a Rua Domingos Crescêncio, 408, apto. 101, Porto Alegre.

tenhamos também aqui no sul, um lugar como Quilombo, onde a gente negra possa unir-se em torno de suas coisas tradicionais.

KILOMBO

Eu ofereço a minha casa e a equipe para o que vocês precisarem. Pedro Homero/Bar Chopp Restaurante Kilombo.

ENVOLVIMENTO

... nós todos necessitamos de encorajamento recíproco. O fato de existirem as palavras branco, negro, amarelo, vermelho ... não muda em nada nossas condições naturais e sociais.

... todos nós somos pessoas legais e simples. E nos envolvendo, somos globalmente comuns. Luiz Fernando da Rosa/Canoas, RS.

É, Luiz Fernando, nós precisamos mesmo é de união. É isso o que vai nos tornar mais fortes e corajosos. Continua conosco. *TIÇÃO* continua contigo.

AFRICANO EQUIVOCADO

"Sou africano, mas de raça branca. Nasci na República do Zaire e fui criado em Angola, sendo por opção e por motivos revolucionários de inscrição portuguesa. (...) Eis agora em minha mão a revista, estou muito triste e decepcionado. Ela está nascendo errada. Está nascendo facciosa, está nascendo racista. Está nascendo complexada. (...) Não é isto que se pretende que o negro diga, nem tampouco hajam mais monólogos como o exibido na peça de teatro "Escuta, Zé" — ferem profundamente, porque só servem para mostrar a fraqueza de quem não se sabe defender. Não é este o caminho, nem o tipo de válida para que o negro tenha jus ao seu lugar na sociedade universal. Cesar Luis C.M. de Teodósio/Porto Alegre.

O negro tem o direito de dizer o que pensa, seja em depoimentos ou em monólogos teatrais, mesmo exibindo fraquezas. Por que ele tem que dizer o que outros entendem, em vez do que ele próprio deseja dizer? Quanto à pecha de racista, surge sempre que há uma iniciativa negra, visando conscientização.

NEGRAS BONITAS

Gostaria que houvesse mais reportagens sobre capoeira e tirassem

fotos de negras bonitas e publicassem. Entrevistem negros que trabalham e estudam. Cláudio E.L. Monteiro/Porto Alegre.

Continuaremos a entrevistar gente negra, estudantes e trabalhadores. Agora, quanto às fotos de negras bonitas, você irá encontrá-las em publicações com objetivos diferentes dos de *TIÇÃO*.

"CHEGAREMOS LÁ"

Gente, eu sou negra, vinda de raízes familiares, já sofri na pele e na alma o problema preconceito, mas sempre teve alguma coisa dentro de mim que gritava que mesmo "preta" eu tinha o meu valor. Graças a Deus, há algum tempo atrás esse grito transformou-se em "plena consciência de ser e valer". De lá para cá foi muita luta mas tem valido; não tenho cultura, mas leio, vejo, ouço tudo o que está ao meu alcance e sei que aos poucos chegarei lá, ou melhor, "chegaremos lá". Neuza Maria P. Lima/São Paulo, SP.

Para chegarmos a uma conscientização social, racial e cultural, vamos precisar de muito diálogo. É

preciso que além de ler, ouvir e ver nos encontremos com outros negros e conversemos com eles. A isso *TIÇÃO* se propõe: ampliando o diálogo com a comunidade negra chegaremos mais facilmente ao nosso objetivo que, temoscerteza, é o mesmo seu.

ASSINATURAS

Gostaríamos de receber publicações passadas e a atual de *TIÇÃO* Aurélio B. da Silva e M. Madeira

... quero que mandem o preço de uma assinatura semestral ou anual de *TIÇÃO*. Cosme Rubens Martins/Santos, SP.

... Caso seja possível fazer uma assinatura, solicito enviarem instruções. Arivaldo Dutra Gomes/Rio de Janeiro, RJ.

... gostaria de saber se é possível fazer assinaturas. ... João Carlos Rodrigues/Rio de Janeiro, RJ.

TIÇÃO ainda não está vendendo assinaturas, mas assim que iniciar este serviço, vai avisar a todos vocês, amigos.





E DEPOIS, EU ESTUDO MUITO. MEUS AMIGOS BRANCOS PODEM DISCUTIR COMIGO SOBRE QUALQUER ASSUNTO. ATÉ ME FAZEM CONSULTAR!



EU, TÁ, DIZO A FÉRIAS, NUNCA ME SENTI DIS- CORTADO POR CAUSA DA MINHA COR.



NO SERVIÇO, O FÉRIAS ME RESPEITA!



ELES ME TRATAM TÃO BEM! ATÉ ME CONVIDAM PARA IR ÀS FESTAS. FAZEM QUESTÃO QUE EU VÁ. E DIZEM ATÉ QUE EU SOU PRETO SÓ POR FORA. BAH! GOSTAM MESMO DE MIM.



Paul



GENTE NEGRA

